

ZERO

Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo da UFSC
Ano 13 - nº 7 - Maio /96



TRADICIONAL

ALTERNATIVO
Como educar seu filho ?

CULTURA

Dazaranha: a
ascensão de uma
banda mané da ilha

COMPORTAMENTO

Dr. Minatti, o picareta
do sexo virtual

OPINIÃO

Porque cala a imprensa catarinense

ZEROJornal Laboratório do
Curso de Jornalismo da UFSC
Ano 13 - Nº7 - maio/96

Arte: Romeu Martins

Colaboração: Lúcia
Gimenez Branco, Prof.
Henrique Finco, Sérgio
SeverinoCapa: Foto: Elmar Meurer
Estúdio Zoom Models
Arte: Joice SabatkeEdição: Joice Sabatke,
Christina Valadão, Gladinston
Silvestrini, Marcelo Santos,
Renê Müller, Elmar Meurer,
Daniela de Paula Queiróz,
Barbara Pettres, Laura
Tuyama, Paulo Henrique de
Sousa, Alessandro BonassoliEdição Eletrônica:
Gladinston Silvestrini, Joice
Sabatke, Christina Valadão,
Laura TuyamaInfografia: Gladinston
SilvestriniLaboratório Fotográfico:
Barbara Pettres, Laura
Tuyama, Elmar Meurer,
Marina MorosMontagem: Christina
Valadão, Gladinston
Silvestrini, Sérgio SeverinoPlanejamento Gráfico:
Joice Sabatke, Christina
ValadãoSupervisão: Prof. Carlos
LocatelliRedação: Curso de Jornalismo
(UFSC - CCE), Trindade,
Florianópolis/SC - CEP 38040 -
900

e-mail: com@cce.ufsc.br

Telefones: (048) 231-9490 e
231-9215

Telex e Fax: (048) 234-4069

Fotolitos e Impressão: Jornal
A NotíciaTiragem: 5 mil exemplares
Distribuição Gratuita
Circulação Dirigida

EDITORIAL

Porque cala a imprensa catarinense

O senador Vilson Kleinübing (PFL) desafiou a imprensa catarinense a praticar o "jornalismo investigativo", em uma entrevista coletiva, no último dia 22 de abril. Estava visivelmente irritado com a ausência de notícias contra o governo do Estado nos jornais e nas TVs de Santa Catarina. Irônico, disse estar desconfiado que Goebbels – o mentor da propaganda nazista – esteja por perto. Certamente, não é nenhuma comparação entre os responsáveis pela área de comunicação do governo e o nazista. Mas como publicar, senador, se os jornais estão censurando até entrevista coletiva?

No episódio catarinense, o Goebbels citado por Kleinübing pode ser traduzido por alguns milhões. Mais precisamente, R\$ 23 milhões – verba empenhada para a propaganda do governo. É armado com este arsenal que o Executivo tenta interferir diretamente no que é publicado pelos jornais que circulam no estado. Às vezes chega a determinar o que pode ou não ser publicado. Matérias sobre a paranaense Inepar e a Paulista Seguros, empresas que financiaram a campanha do governador Paulo Afonso e que agora estariam sendo beneficiadas com generosas verbas governamentais, teriam sido censuradas em pelo menos dois jornais, segundo relato dos autores que, obviamente, não se identificam para não perder o emprego.

Mas a materialização da interferência ocorreu quando da publicação, pelo jornal *A Notícia*, de três artigos do cineasta Eduardo Paredes criticando o comportamento do secretário de Comunicação Paulo Arenhart. Um episódio lamentável que resultou em retaliação comercial e demissão de jornalistas. Dois dias depois da publicação do terceiro artigo, o jornal foi avisado de que o anúncio de página inteira de um caderno de cultura estava

suspenso. O jornal quis saber o motivo do corte da verba – de cerca de R\$ 20 mil. A resposta foi direta: o jornal publicara os artigos do cineasta batendo no secretário, por que cargas d'água continuaria recebendo dinheiro do governo?

Mesmo sendo propriedade do ex-deputado Moacir Thomazzi – historicamente um político alinhado com a Arena,

**O Executivo
interfere diretamente
no que é publicado
pelos jornais que
circulam no estado.**

PDS e PPB – o jornal cedeu. Tiveram que sair, diante do alinhamento do jornal, o editor-chefe da sucursal de Florianópolis, Marcelo Possamai, e o editor de política Adauri Barbosa. Possamai foi assessor de comunicação do governador Vilson Kleinübing. A verba foi, enfim, garantida.

Outro fato: o colunista Luiz Antônio Soares, do jornal *A Notícia*, publicou na íntegra uma carta enviada pelo secretário-adjunto de Comunicação, Roger Bittencourt. A carta acusava Soares de estar fazendo oposição sistemática ao governo Paulo Afonso. Dizia adiante que não conhecia a formação do jornalista e que jamais havia recebido um telefonema dele. Soares respondeu que não precisa ir ao Palácio ou telefonar para ter notícias do que se passa no governo.

A carta era a resposta do secretário ao que Luiz Antônio Soares havia escrito dias antes. O colunista – salvaguardado no limbo que os colunistas ocupam na imprensa catarinense – aconselhou que seria melhor para o governador deixar de se iludir pelos "abobados que o cercam".

A verba de propaganda é tão poderosa que consegue

censurar até mesmo entrevista coletiva. A bancada estadual do PPB convocou uma no dia 18 de abril, para anunciar que protocolara uma ação popular pedindo a suspensão de toda a propaganda do governo do Estado, por considerá-la de conteúdo "marcantemente político-partidário e de promoção pessoal do governador Paulo Afonso Vieira" (PMDB). Dois jornais limitaram-se a dar a notícia em notinhas escondidas no pé de página. A ação – bem fundamentada, inclusive com levantamento estatístico sobre os anúncios institucionais publicados pelas secretarias de Estado – envolvia, além do próprio governador, o secretário de Comunicação, Paulo Arenhart, o secretário-adjunto, Roger

Bittencourt, e o assessor especial do governador, Paulo Prisco Paraíso. Além das agências de propaganda escolhidas e os membros que compuseram a comissão de licitação.

A linguagem do governo não é de mão única. Bastaria confrontar o teor das manchetes dos jornais com o montante de verbas pagas mês a mês pelo governo. Desde o Plano Collor os custos das empresas subiram e os anunciantes privados escassearam. O dinheiro público passou a sustentar os veículos de comunicação. Daí o poder que os 23 milhões tem. Se há pouco dinheiro, os jornais tornam-se oposição. Se o dízimo está em dia, o melhor lugar do mundo é aqui, e agora. A estratégia é antiga. Chateaubriand fez fortuna com ela. Trata-se de um jogo contínuo de poder em que cada participante usa todas as armas que tem e o equilíbrio só é obtido através de chantagens mútuas. Quem perde sempre é o cidadão.

Estes são alguns dos motivos, senador Kleinübing, porque este artigo jamais poderia ser publicado em qualquer jornal catarinense. No seu tempo também era assim, lembra?

OVNIs pelos céus do Brasil

Os ufólogos afirmam que está acontecendo um fenômeno que eles chamam de "onda". ZERO confere o que os cibernautas têm a dizer sobre o assunto

por Romeu Martins

Desde o início do ano, já foram relatados avistamentos na maioria dos estados, do Rio Grande do Sul à Bahia, passando por Minas Gerais e até mesmo Santa Catarina. Alguns casos ficaram célebres, como o de Varginha-MG, onde fala-se até de um extraterrestre capturado pelo Cor-

po de Bombeiros local. Em Santa Catarina, durante todo o mês de março, o interesse pelo assunto ficou por conta das aparições em cidades do Oeste, principalmente Joaçaba, onde centenas de pessoas chegaram a fazer vigílias todas as noites. Sintonizadas nas rádios locais, uma verdadeira multidão ia ora para às proximidades do aeroporto Santa Terezinha, ora do Presídio Regional, as partes mais altas da cidade, cada vez que se noticiava um avistamento.

Várias pessoas fotografaram e filmaram o fenômeno. Um cinegrafista da TV Barriga Verde chegou a acompanhar um objeto luminoso por um trecho de 20 quilômetros da BR-282, em

direção à Catanduva. Na mesma estrada, o empresário João da Matta, 48 anos, garante ter feito o contato mais próximo com o OVNI, que descreve como sendo um aparelho oval, emitindo luzes coloridas e com uma "traseira parecida com a do antigo Simca Chambord". Toda essa agitação chamou a atenção do presidente da Sociedade de Estudos Extraterrestre, Socex, o ufólogo grego Eustáquio Andréa Patounas.

Eustáquio, entrevistado no último ZERO, não só acredita na veracidade do caso, como dá o endereço e a missão dos OVNIs de Joaçaba: "Os seres são oriundos de Arcturus, na constelação perto de Sirius, e sua tarefa é ancorar uma nova energia propícia para as mudanças a nível vibracional, e para encorajar ações para transmutação de valores espirituais".

Mas o assunto é polêmico, e nem todos têm tamanha convicção, por isso na estréia da seção Fórum Internet, o ZERO lançou a seguinte questão na rede das redes: "A verdade está mesmo lá fora?"

mamente, no tocante ao aparecimento de objetos voadores em quase todo o espaço aéreo brasileiro é apenas um pequeno ponto do que realmente acontece. Ocorreu um caso em Varginha-MG de um aparecimento de uma estranha criatura o que fez que a população ficasse alarmada, então foi quase impossível a imprensa esconder tal fato.

Daí a população começou a falar sobre os aparecimentos de OVNIs que estavam ocorrendo - até então quase ninguém falava por medo ou mesmo por não ter que passar por humilhações - a imprensa, pressionada pelo governo, foi "obrigada" a esclarecer tais fatos, o que a levou a transmitir aquelas tão tolas explicações, dizendo que eram apenas imagens desfocadas de algum ponto de luz. Todos nós querendo saber um pouco e tendo que ouvir tolices!!!

Everson Luis Taco
Pesquisador ufológico e tradutor da revista UFO
g952306@iqm.unicamp.br

Envio a posição da pesquisa em Minas Gerais sobre casos recentes divulgados pela TV
Conselheiro Lafaiete

Luz Misteriosa em Lagoa. Filmado pela TV atrai multidões, gera comércio. O CIPFANI investiga e descobre tratar-se de um reflexo de dois postes de luz de sódio distantes. Matéria publicada no Estado de Minas - 04/04/96
Januária

OVNI desce sobre mata-

gal e deixa cair pedaços. A AMPEU e o CIPFANI investigam e encontram uma placa com inscrições. As duas testemunhas são pouco confiáveis e a placa é de liga comum de cobre.



Belo Horizonte

É filmado um OVNI com formato de morcego. Todos os objetos com formato de bat-sinal são aberrações de lentes geradas por câmeras com zoom 12x. Este, em particular era Vênus, com 100% de certeza.

Varginha

Suposto ET ou IT visto dentro da cidade. Capturado pela PM/Exército. Não dispomos de mais informações... por enquanto!
Aloysio Carvalho
Belo Horizonte - MG

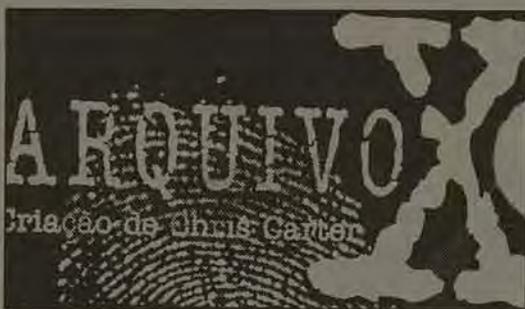


Desenho de OVNI avistado em Joaçaba

A partir do momento em que foi visto algo que voa e não foi identificado, evidentemente trata-se de um OVNI. Agora, na minha opinião, afirmar que dentro deste OVNI existem seres de outros planetas é pura precipitação. A maioria dos avistamentos não passa de má interpretação dos fenômenos atronômicos banais, engodos e, o que está muito em moda: uma ótima forma de se divulgar uma determinada região do país. Eduardo Galvão
Belo Horizonte - MG
epg@gcsnet.com.br,
Engenheiro eletrônica - Analista - Astrônomo amador

Meu irmão afirma ter presenciado estranhas luzes nos últimos dois dias no céu aqui de Pelotas. As luzes são de cor vermelho/alaranjado, e aparecem por volta de 20hs., sempre na mesma direção. Seu movimento varia, incluindo movimentos verticais.

Não posso afirmar nada



existe desde a época da 2ª grande guerra (1945), mas grandes companhias "abafaram" o seu lançamento. A tecnologia só é mostrada para a humanidade dependendo dos interesses de quem a desenvolveu.

Juliano Noal Palma
Universidade Federal de Santa Maria - RS
jnpalma@saigon.cpd.ufsm.br
Acadêmico de Engenharia Mecânica

O que tem ocorrido ulti-

mais, apenas estou relatando para registrar o fato. André "Andy" Caruso
Pelotas - RS
andy@akira.ucpel.tche.br

A palavra OVNI é designada para objetos voadores não-identificados, não quer dizer que estes "objetos" sejam de outros planetas e galáxias. Será que a NASA e a humanidade já não possuem dúvida que tais discos voadores que andam assustando as pessoas por aí não foram desenvolvidos pelos cientistas terrestres, os quais andam fazendo experimentos para testá-los? ... Segredos militares são ainda os mais bem guardados... Não esqueçam que a telefonia celular



alloysio@bhnet.com.br

Todos assistiram a reportagem do Fantástico (21/04/96) sobre avistamentos no céu da Paraíba, numa cidade próxima a João Pessoa.

As autoridades não se pronunciaram?

Ninguém avisou a Aeronáutica?

Novamente ficamos sem respostas...

Emíldio H.Engelmann
Santa Cruz do Sul - RS
Professor da UNISC
emigdio@unisc.br

A cada edição do Zero são selecionados diferentes temas para discussão.

Se você que participar do Fórum Internet Zero, escreva para com@ccc.ufsc.br

FÓRUM

ZERO 3

Dissecando o caixa do estado

POLÍTICA

Comissão Parlamentar de Inquérito vai investigar as contas do governo Paulo Afonso

por Gladinston Silvestrini

Os deputados estaduais que compõem a CPI das contas do governo Paulo Afonso têm até o dia 30 de junho para descobrir o que aconteceu com o caixa de Santa Catarina nos últimos treze meses. Principalmente quando na mudança do governo Konder Reis para o atual, propagou-se a idéia de que o estado estava com as finanças equilibradas, criando o que se chamou de "transição pacífica". Hoje, no entanto a situação é outra. Sobra mês no fim do orçamento.

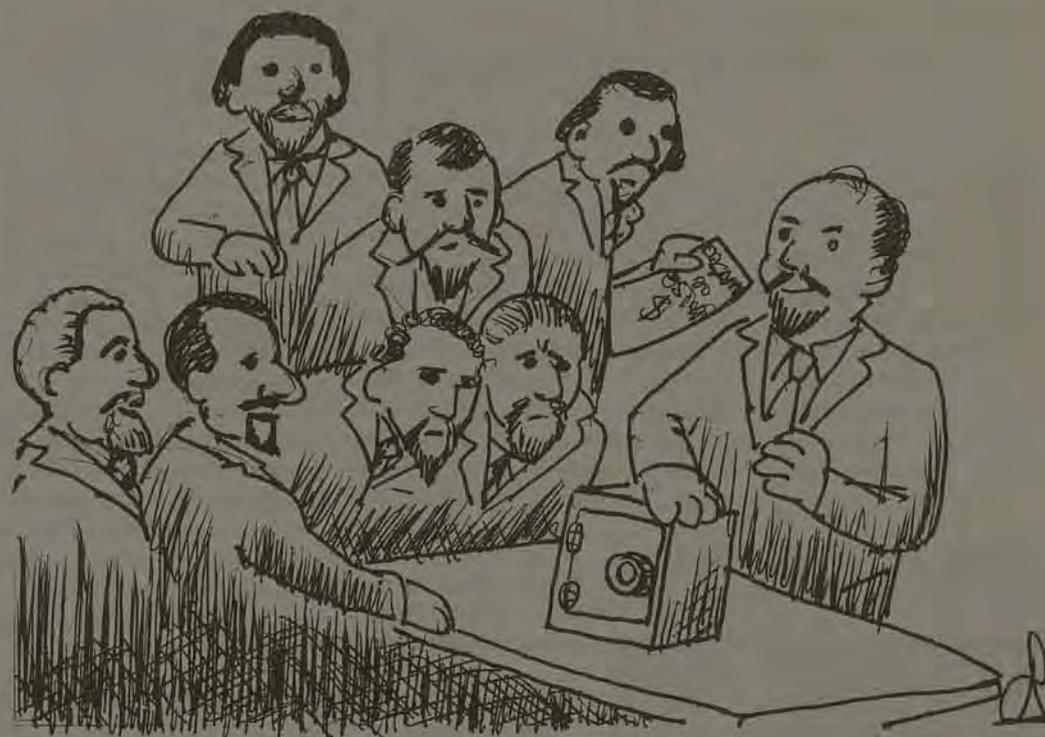
Ou a situação apresentada em janeiro de 95 não era tão boa, ou Paulo Afonso quebrou o estado. É o que se conclui ao ver os números apresentados pelo secretário da Fazenda, Oskar Falk. A dívida pública, em fevereiro de 96, passava de R\$ 2,5 bilhões. O comprometimento mensal da receita para o pagamento das dívidas subiu de R\$ 22 milhões em janeiro para R\$ 35 milhões em dezembro de 95. Já a folha de pagamento do funcionalismo passou de 61% da receita estadual para 91,8%.

Outros números desmentem a suposta saúde financeira. Só em 95 as ARO's,

Antecipações de Receita Orçamentária, somaram R\$ 155 milhões. Estas operações são, basicamente, empréstimos que o governo do estado toma em bancos públicos ou privados dando como garantia a sua receita futura. Um estado com as contas em dia também não se sujeitaria às condições impostas pela Caixa Econômica Federal para um empréstimo de R\$ 90 milhões (*ver box*).

DOIS MAIS DOIS - Por outro lado, estranha ver o desempenho de Santa Catarina em arrecadação. A média mensal da receita líquida passou de R\$ 76 bilhões em 94 para R\$ 136 bilhões em 95. O estado conseguiu o melhor resultado na arrecadação do ICMS desde 1986. O total arrecadado chegou a R\$ 1,75 bilhão, 14,23% a mais que em 94. Isso representa o terceiro maior crescimento real do ICMS entre os estados da federação, atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro. Junta-se a isso os R\$ 100 milhões obtidos com a venda de ações da Celesc pelo Invesc, Santa Catarina Participações e Investimentos S.A.

A diferença nas contas apresentadas pode esclarecer o que realmente foi a transição pacífica do governo Konder Reis para Paulo Afonso. O deputado Carlito Merss, do PT, diz que tudo



não passou de uma estratégia para garantir a maioria na Assembleia Legislativa. O interesse do PMDB seria manter as aparências das contas do governo Kleinubing/Konder Reis, muito mais abaladas que o divulgado, garantindo assim os sete votos do PFL. Vale lembrar que o partido de Jorge Bornhausen não garantiu apenas a aprovação dos projetos do governo no Legislativo. Teve também apoio fundamental na própria eleição para governador, com o fim da União por Santa Catarina

Vem pra caixa, vem

O governo do estado não conseguiu fazer valer o decreto 624/96, determinando o limite de 65% da receita para a folha de pagamento e o corte nos salários dos servidores do estado. Mas, no meio da confusão, fez aprovar o projeto que submetia o estado ao voto do Conselho Monetário Nacional para aprovar um empréstimo de R\$ 90 milhões junto à Caixa Econômica Federal. Sobre as condições do empréstimo, a melhor definição veio do senador Wilson Kleinübing, do PFL: intervenção branca.

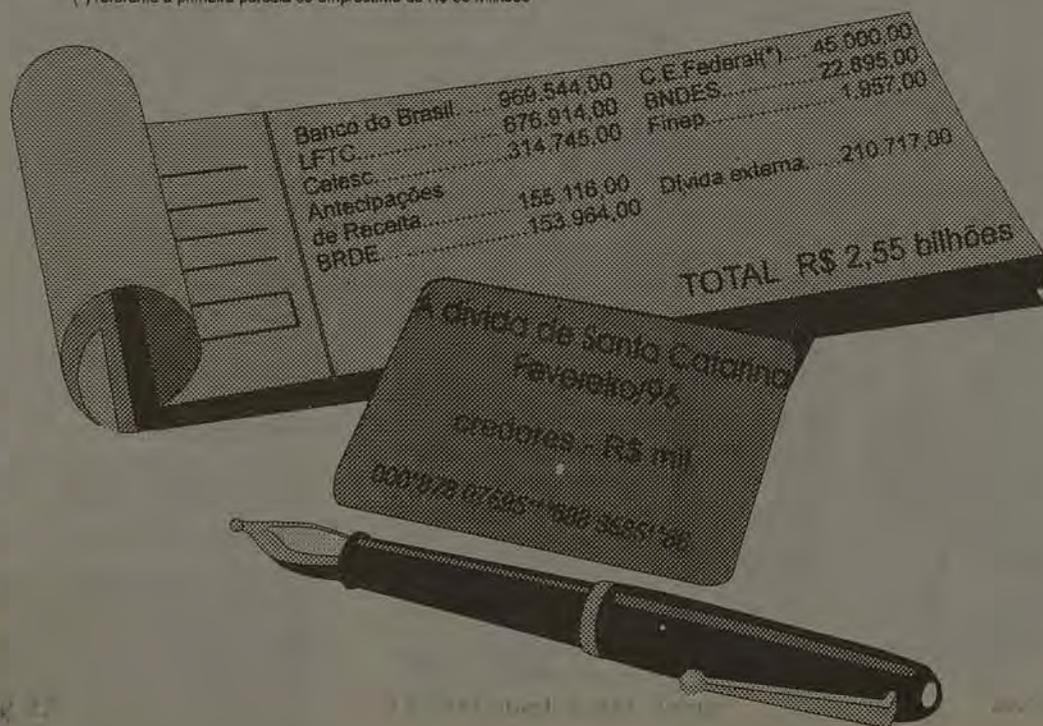
Para ter autorizado o empréstimo, Santa Catarina teve que assumir o compromisso de atingir as metas propostas pelo CMN. São 23 pontos, presentes no contrato, que interferem em quase toda a administração estadual.

Os servidores públicos estão entre os grandes prejudicados pelas condições impostas. É exigido do governo do estado a implantação imediata de um programa de demissões voluntárias. Mexe inclusive na legislação estadual, propondo a revogação de quaisquer benefícios que não estejam previstos em lei federal. A obrigação de conter a folha de pagamento reaparece, só que desta vez prevê no máximo 70% da receita em 96, 65% em 97 e 60% em 98.

A privatização de empresas catarinenses é outro ponto de destaque no contrato. O governo deve instituir um programa estadual de desestatização, encarregada das empresas de administração indireta, como as fundações. Conforme o documento, até o final de 96 devem estar prontos estudos sobre a privatização da Celesc e da Casan. Não por acaso, as duas empresas são as primeiras a ter suas ações vendidas através do Invesc.

O prazo para pagamento do empréstimo vai até o final de 98. A liberação do dinheiro foi feita em duas parcelas de R\$ 45 milhões, em fevereiro e março (G.S.).

fonte: Secretaria de Estado da Fazenda
(*) referente a primeira parcela do empréstimo de R\$ 90 milhões



ZERO 4

A carne que a Europa quer

Em cinco anos o estado controlou a febre aftosa. Agora quer exportar carne para novos mercados

por Michele Nadir de Oliveira

Até maio o governo estadual vacinou contra a febre aftosa 2,5 milhões de bovinos em 250 mil propriedades rurais catarinenses. Foi apenas a primeira etapa da campanha em Santa Catarina, o único estado brasileiro que há quase cinco anos não registra casos da doença.

Participam da campanha 260 médicos veterinários, 160 auxiliares agropecuários e dois mil vacinadores comunitários. Após a primeira etapa de vacinação, será realizado um levantamento para avaliar o grau de imunização do rebanho. Dependendo do resultado, o estado pode ser declarado "Livre da Febre Aftosa com Vacinação", garantindo assim, a comercialização de produtos de origem animal no Mercado Comum Europeu.

"O nosso objetivo é conseguir o reconhecimento como livres da doença sem va-

cinação. Mas isso exige uma fiscalização sanitária muito maior", diz o médico veterinário, dr. Luís Kerinus.

MELHOR PREÇO - A busca do reconhecimento do estado como "livre da febre aftosa" (atualmente alguns países da União Européia já consideram-no imune) tem razões econômicas. É que muitos países, principalmente da Ásia e da União Européia, deixam de importar suínos, aves, enlatados e até mesmo produtos como soja e milho, se forem detectados casos da doença. Isso já aconteceu em 1991, ano do último surto, quando Santa Catarina foi descredenciada do mercado exportador por três anos. Outra vantagem é que se o quilo da carne exportada hoje custa um real, o valor pularia para seis reais se o estado estiver imune à febre aftosa.

A segunda etapa da campanha começa em outubro, onde serão vacinados os animais com menos de dois anos de idade. A vacina protege-o por seis meses. "Os animais com mais de dois anos que já receberam cinco aplicações, podem ser vacinados de ano em ano",

diz Kerinus.

Além do controle da aftosa, o governo vai realizar uma fiscalização intra e interestadual no comércio de bovinos, aves e suínos. Para isso, vão ser instaladas cinco barreiras sanitárias fixas na divisa com o Estado do Paraná, nas cidades de Garuva, Mafra, Porto União e Dionísio Cerqueira, além de 63 barreiras móveis no interior do estado.

AVES E SUÍNOS - Com o caso da doença da vaca louca na Inglaterra, Santa Catarina terá maior facilidade de exportar aves e suínos para a Europa. "Quem vai se beneficiar exportando bovinos são a Argentina e Uruguai", explica o assessor de imprensa da Cidasc (Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina), José Erly Martins.

No ano passado, foram produzidas 720 mil toneladas de frango, das quais 367 mil foram exportadas. A maior parte foi para a Arábia Saudita. Foram produzidas também, 450 mil toneladas de suínos, sendo que 25 mil foram para a Argentina e Uruguai. O mercado bovino



Febre aftosa causa perdas de até 24% no peso dos animais atingidos **Elmar Meurer/ZERO**

no entanto é deficiente. A produção anual é de 100 mil toneladas, e para suprir o mercado interno são compradas mais 30 mil.

A DOENÇA - A aftosa é provocada por um vírus e ataca bovinos, suínos e ovinos, causando febre alta, feridas na boca, entre os cascos e na língua. Por isso os animais se alimentam mal, enfraquecem, caminham com dificuldade e babam muito. Raramente morrem, porém a doença ataca o coração diminuindo a capacidade de tra-

balho. A produção de leite baixa 15%, o peso cai de 4 a 24% e o aborto em vacas prenhas salta para 20%.

Em 1964, o Rio Grande do Sul desenvolveu os primeiros trabalhos de controle da febre aftosa. Em Santa Catarina a preocupação com a doença começou em 1968. Na época Mato Grosso e Goiás eram os centros difusores e, como a fiscalização era deficitária, podia-se comprar livremente gado daquela região. Além disso muitos fazendeiros deixavam de vacinar o gado. **Z**

Orçamento participativo pode ser lei

por Luciana Gimenez

A prefeitura de Florianópolis quer transformar o projeto de Orçamento Participativo em lei e para isso está recolhendo assinaturas dos eleitores da capital em barracas espalhadas pela cidade desde o dia 20 de março. Os postos de recolhimento do centro foram fechados no dia 25 de abril, mas a campanha continua.

Cinco mil e duzentos e quarenta eleitores já assinaram o Projeto de Iniciativa Popular. Para enviar o projeto à Câmara Municipal para votação são necessárias pelo menos 10 mil assinaturas (ou 5% do eleitorado da capital).

"Só dessa forma as outras administrações terão a obrigação de continuar o orçamento participativo como é feito hoje", disse Luiz Sabanay, coordenador do projeto na prefeitura, salientando a importância da transformação do atual projeto



Postos já recolheram mais de 5 mil assinaturas. São necessárias 10mil ao todo **Elmar Meurer/ZERO**

em lei.

No ano passado foram executadas aproximadamente 120 obras, que são concluídas em ciclos trimestrais durante todo o ano. Segundo Sabanay as obras servem como estrutura para a execução de projetos municipais de outras áreas, por exemplo: asfaltam uma rua para facilitar a passagem de uma linha de ônibus, constroem uma casa que abrigará uma creche ou um posto de saúde, etc...

ANO RUIM - Nenhuma obra escolhida pelo projeto foi iniciada ainda esse ano, pois a Prefeitura está concluindo as obras provocadas pela enxurrada do início do ano. Já foram consumidos R\$ 4,8 milhões nas 150 obras de solução dos prejuízos causados pelas chuvas.

Com o Orçamento Participativo (que vem sendo feito na capital desde 1992 e é

feito em mais 55 cidades de todo o país) a cidade foi dividida em treze regiões (levando em consideração a situação geográfica e social) que realizam assembleias onde comunidade elege delegados comunitários (cada 10 presentes na assembleia escolhem um delegado).

Os delegados eleitos pelos moradores e mais os indicados por cada Associação de Bairro formam a Coordenadoria Regional de Delegados que é responsável pelo levantamento das obras prioritárias em cada região.

A coordenadoria Regional de Delegados elege 39 conselheiros que discutem a situação financeira do município e a partir daí fazem um levantamento das obras prioritárias e financeiramente possíveis de serem executadas. A Prefeitura Municipal destina 10% do orçamento da capital para esse projeto. **Z**

SC ECONOMIA

Os fazedores de empregos

No olho da rua (1)

A gerente da agência de empregos Gelre Força de Trabalho, Lilia Azevedo, conta que o número de pessoas pedindo emprego subiu 20% nos últimos meses e que diminuiu o número de pessoas que a empresa tem conseguido colocar no mercado de trabalho. Muitos agenciados que têm curso superior também não estão conseguindo emprego.

No olho da rua (2)

Caiu em 21 mil o número de postos de trabalho em Santa Catarina no ano passado. Em fevereiro deste ano mais 524 vagas foram fechadas. E dizem que o melhor lugar do mundo é aqui, logo agora.

Besc busca eficiência

O Banco do Estado de Santa Catarina assinou convênio de R\$ 3,5 milhões com a Fundação de Ensino da Engenharia em Santa Catarina, para implantar uma nova rede de comunicação no banco. O Besc quer aumentar a sua participação no mercado de 30 para 50% em Santa Catarina. Enquanto isso, o governo do estado já pensa em colocá-lo na lista da privatização. Depois da Casan, o banco dos catarinenses será o próximo a ter suas ações vendidas pelo Invesc.

Farinha pouca....

O presidente da Fiesc, Osvaldo Douat, alerta que se as reformas constitucionais não vierem logo, investimentos estrageiros irão para outros países do Mercosul. *Hermanos, hermanos*, negócios à parte.

Eletrosul

A Eletrosul teve um desempenho negativo de R\$ 66 milhões no ano passado. O presidente Cláudio Ávila da Silva atribui o prejuízo à tarifa congelada e ao pagamento de dívidas da empresa.

Grandes responsáveis pelos postos de trabalho no Brasil, microempresários querem mudar a legislação e reduzir a tributação

por Rogério Kiefer

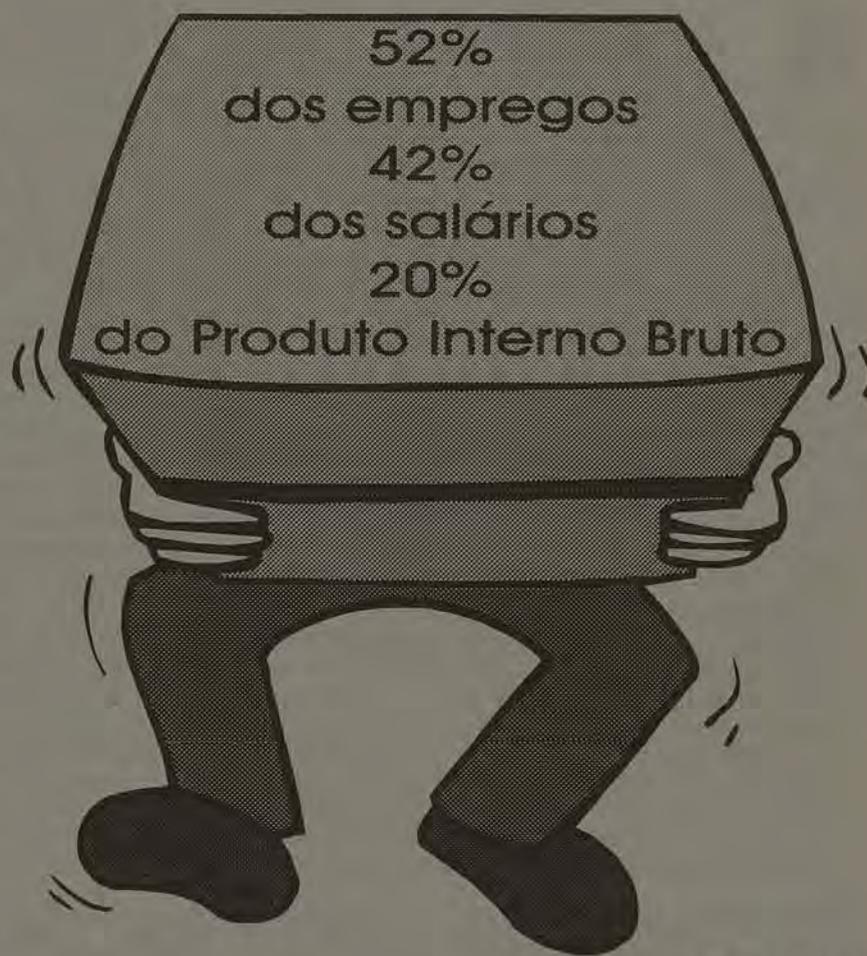
Governo federal, sindicalistas, empresários e políticos discutem atualmente, formas de diminuir o desemprego. Mas o debate tem deixado de lado um dos maiores empregadores do país, que pode ter um papel fundamental na recuperação da economia e no crescimento dos níveis de emprego: o pequeno empresário. Segundo os números do Sebrae (Serviço Brasileiro de Atendimento à Empresa), a contribuição dele não é pequena (*ver quadro*). No entanto, a situação dos pequenos e microempresários não é tão boa como os números podem sugerir.

A comerciante Jurema dos Santos representa bem os problemas dos pequenos em época de recessão. Trabalha das 6h da manhã às 10h da noite no balcão de sua mercearia cujo faturamento cobre apenas os gastos. No ano passado demitiu a única funcionária e desde então vem tocando sozinha o negócio. Ela conta que as vendas têm diminuído muito nos últimos meses e que a situação piora quando ela precisa fazer um empréstimo, pois os juros altos dificultam o pagamento. Desencantada com a situação ela já pensa em fechar o ponto. "Só não fechei ainda porque minha filha trabalha fora e me ajuda. Estou esperando as coisas melhorarem", disse.

Conforme dados da Junta Comercial do Estado, 70% das pequenas empresas não chegam a completar o primeiro ano de vida. Entretanto o consultor de empresas Ademir Luís Bento acredita que esse número é ainda maior porque muitas empresas fecham e não comunicam à Junta. Para ele, esse índice supera os 80%.

IMPOSTOS ALTOS - A alta tributação e os encargos sociais são os principais problemas enfrentados pelos pequenos e microempresários na opinião do presidente da Fampesc (Federação das Associações de Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina) Haroldo Neitzke. Ele acredita que é fundamental a regulamentação da lei que estabelece tratamento diferenciado para os pequenos empresários, nas áreas trabalhista, previdenciária e tributária. Ele diz que hoje, com tratamento igual para todas as empresas, os tributos consomem 3,6% do faturamento bruto, o que é um gasto insustentável para as pequenas empresas. Além disso, os encargos sociais representam um

Os números da microempresa na economia brasileira



fonte: Sebrae

acréscimo de 96% sobre os salários.

O consultor Luis Bento aponta as altas taxas de juros, que diminuem o consumo e aumentam a inadimplência, e a falta de gerenciamento como outras causas da quebradeira. Ele acha que os pequenos empresários consideram o gasto em aperfeiçoamento desnecessário e que por isso não se adaptam facilmente a mudanças de mercado. A condição de pequeno gera outro problema grave, que é a dificuldade em conseguir crédito e linhas de financiamento. Por oferecerem poucas garantias, as pequenas empresas são obrigadas a aceitar juros mais altos sobre seus empréstimos.

VAQUINHA MAGRA - Neitzke diz que falta vontade política para solucionar os problemas e que por isso as associações de indústrias e de comércio se mobilizaram para um esforço nacional conjunto. O projeto para mudar a legislação do setor já formou uma frente parlamentar de apoio, com 300 deputados. Luis Bento aponta a isenção de ICMS para pequenas empresas como uma importante conquista estadual. O

governador Paulo Afonso Vieira isentou do imposto empresas com faturamento inferior a 115 mil unidades fiscais de referência.

Neitzke compara o descaso do governo federal através de suas políticas recessivas a "uma vaquinha magra que não está sendo alimentada, mas na qual mamam 3 ou 4 pessoas; ela vai morrer de fome, deixando mais pessoas sem sustento". Ele julga que a discussão entre governo e empresários é a única maneira de dar condições de funcionamento para esse setor da economia. "Só dessa forma a economia pode voltar a crescer, gerando empregos e melhorando os salários", disse.

Os planos da Fampesc para este ano incluem a implementação de câmaras de comércio, para que as pequenas empresas possam produzir em conjunto, em maior quantidade e a preços menores, a fim de participar de licitações. A fundação espera também o apoio da Frente Parlamentar na aprovação de linhas de financiamento facilitadas, para treinamento e aperfeiçoamento tecnológico.

Na fila, sem telefone

Procura por telefone celular é maior que a oferta. Só em Santa Catarina, mais de 200 mil pessoas estão na lista de espera

por Carolina Heinen

O fotógrafo André Sielski tem o número 44.533 da lista de espera de celular na Telesc. Para ele a maior vantagem da telefonia móvel será a possibilidade de manter contato com o estúdio quando está em uma sessão de fotos externas. Sielski é possivelmente um dos 80 mil inscritos que devem receber a linha ainda este ano. No ano que vem mais 100 mil linhas devem ser entregues. Ainda assim a fila de espera tem 205.430 assinantes em Santa Catarina. Só em Florianópolis circulam atualmente 16 mil celulares e 63 mil inscritos estão esperando. No Estado 74.348 linhas já foram entregues.

Hoje existem 120 modelos de aparelhos cujos preços variam de R\$ 290,00 a R\$ 1.440,00, dependendo do tamanho, peso, design e recursos que possui. O preço da linha telefônica é de R\$ 334,00 e a mensalidade custa R\$ 31,99. Para conseguir uma linha de celular é preciso fazer a pré-inscrição na Telesc. Ela também pode ser feita pelo fone 1403. O inscrito recebe um número de espera e é avisado por carta assim que puder ter acesso à linha.

O portador de linha pode utilizar o telefone dentro da área de cobertura - área em que chega o sinal da estação ou, em caso de viagem para o exterior pode comunicar a Telesc e receber um segundo número para utilização nesse período desde que o local tenha sistema de telefonia celular.

O sistema deve ser todo digitalizado a partir do ano que vem. A nova tecnologia vai evitar que qualquer outro rádio capte as conversas telefônicas. Dois testes já estão sen-



André Sielski é uma das 80 mil pessoas que devem receber o telefone celular ainda este ano

Elmar Meurer/ZERO

do feitos em Bauru e Londrina.

PROBLEMA - O uso do aparelho é proibido em armazéns com explosivos e, como qualquer outro aparelho eletrônico, nos aviões por causa das diferentes frequências dos instrumentos internos.

Quanto às denúncias recentes de interferências em balanças, o engenheiro da Telesc, Anor Lemos Coutinho, afirma que a faixa de operação do celular é estável e portanto não interfere em outras faixas. O Inmetro está pesquisando o assunto e deve divulgar ainda este mês um laudo sobre os motivos das interferências detectadas em Minas Gerais.

Estudos acusam que ondas eletromagnéticas podem causar câncer, mas nada foi comprovado ainda. Os engenheiros desacreditam que o celular possa causar problemas. Segundo Anor, os aparelhos, que são fabricados nos Estados Unidos, não seriam liberados se causassem danos, já que o país tem uma preocupação muito maior com a saúde de seus habitantes.

NO TRÂNSITO - O uso de celu-

lar no trânsito é considerado infração pelo fato de que ao atender telefone, o motorista passa a dirigir com uma só mão. Desde o dia 16 de maio de 1994, quando entrou em vigor a decisão 4/94 do Contran baseada no artigo 89 inciso XXI-b do Código Nacional de Trânsito, o condutor que estiver com celular poderá receber multa que chega a R\$ 49,72.

Segundo o sargento Valmir da Silva, do Detran, além de não possibilitar uma reação rápida, o celular causa a perda da visão periférica desviando a atenção do motorista. A lei diz que, para atender uma chamada, o motorista deve procurar um lugar seguro, podendo parar em área proibida para estacionamento por até cinco minutos.

Outra alternativa é o equipamento de viva voz que permite ao motorista dirigir com as duas mãos enquanto conversa. Mas o proprietário da Celular Company, Francisco Alves, que tem três lojas na capital e vende uma média de 100 aparelhos por mês, conta que a cada 10 celulares vendidos, um sai com o viva voz. A mesma proporção é confirmada nas lojas Royal Celular e Tecel.

BR ECONOMIA

Salário mínimo

O aumento foi mínimo: 12%. O reajuste da previdência foi de 15%, enquanto a inflação do período foi de 21,14%, segundo a FIPE. Já começam as ações na justiça contra esse índice.

Dobrou

A dívida mobiliária interna (títulos públicos - dinheiro que o governo deve principalmente a bancos), está alcançando a Dívida Externa. De março de 95 a março de 96 ela dobrou, saltando para R\$ 131,8 bilhões. Isso se deve à política de juros altos praticada pelo governo e também ao socorro aos bancos. A Dívida Externa do Brasil é de R\$ 150 bilhões.

Desemprego

Só na Grande São Paulo são 1,13 milhão de desempregados. O problema poderia ser ainda maior. Hoje há uma redução do número de jovens no mercado de trabalho. Dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) mostram que em 1995, 31,07% dos brasileiros entre 15 e 17 anos trabalhavam. Em 1990 o índice era de 41,91%.

Pró-emprego

É o nome do programa, lançado no dia 29, através do qual o governo quer criar 3 milhões de empregos, principalmente no setor de obras públicas inacabadas. O Fundo de Amparo ao Trabalhador deve liberar R\$ 6 bilhões para o programa. Outros R\$ 3 bilhões devem vir das empresas privadas beneficiadas com o projeto.

Indústria produz menos

A última avaliação do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), feita em fevereiro, aponta redução de 6,4%. Os estados que tiveram maior diminuição na atividade industrial foram Pernambuco (26,1%), Rio Grande do Sul (13,8%) e São Paulo (11,1%). Já Santa Catarina, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, cresceram entre 1,5% e 2,1%.

Início nos EUA

A idéia inicial de telefonia móvel surgiu nos Estados Unidos na década de 40 mas não funcionou. A AT&T desenvolveu o sistema com antenas de grande abrangência e potências elevadas no qual poucas ligações podiam ser feitas ao mesmo tempo. Para operar, o telefone precisava de uma bateria grande que se desgastava em poucas ligações. Na época uma piada ilustrava a situação. O dono do celular só poderia fazer duas ligações: uma para avisar a mulher que chegaria tarde em casa e outra para a central para dizer que estava sem bateria.

Em 47 a Bell System dos Estados Unidos criou a concepção de celular: antenas não tão altas, menores potências e áreas menores de cobertura de cada antena. Somente em 68 os Estados Unidos desenvolveram um sistema com tecnologia adequada. Com os primeiros celulares, os telefonemas eram feitos primeiramente por operadores que repassavam as ligações.

O celular chegou ao Brasil na década de 80, e em Santa Catarina em 93. No Brasil a única alteração foi a faixa de frequência. O primeiro celular tinha o tamanho de uma maleta. Hoje, o menor cabe na palma da mão.



Francisco Alves vende cerca de 100 aparelhos por mês

Elmar Meurer/ZERO

À margem da margem

GERAL

Moradores da Via Expressa, uma das favelas mais pobres da cidade, preparam-se para serem removidos.

por Beatriz Prates

O motivo é a construção de vias marginais na rodovia (BR-282). Mesmo morando em um lugar que não possui as mínimas condições de higiene e não tem luz elétrica, muitos dos moradores ainda preferem continuar vivendo ali. Domínio Januário dos Santos, mais conhecido como "Seu Pinguim", é um deles. Seu Pinguim mora na favela há dez anos. Ele acredita que se tivessem luz e coleta de lixo, não haveria necessidade de mudança. Valdir Duarte, que chegou há três anos, tem a mesma opinião.

O maior medo dos moradores é de serem transferidos para lugares distantes e isolados. Há um tempo atrás, alguns deles foram removidos para o Morro do Viveiro. "Muita gente vendeu as casas e voltou pra cá. Lá não tinha posto de saúde ou escolas perto de casa," diz Valdir. Maristela da Silva, que mora há dois anos na favela, diz que não quer sair dali. Mesmo com todas as dificuldades, ela diz que pelo menos tem escola, posto de saúde (da favela Chico Mendes) e hospital (Hospital Florianópolis) próximos.

A remoção dos favelados vai ser realizada pela Secretaria da Família do Estado em conjunto com a Prefeitura. Eles ainda não sabem quando e nem pra onde, serão transferidas as 400 famílias que vivem na favela. João Maria Lopes, do fundo de habitação da prefeitura, acredita que a remoção não será feita de uma só vez. Segundo ele, alguns critérios como tempo de moradia entre outros, serão utilizados para remoção das primeiras famílias.

CORTINAS ROÍDAS-Durante à noite a Via Expressa é praticamente invadida por ratos, nenhum barraco escapa. Na casa de Sarah de Jesus, que mora há dois anos na favela, os roedores atacaram até as cortinas. Paredes, armário, roupas, potes de comida, tudo roído. O mesmo acontece na casa de Joaílda Duarte, "não dá nem pra arrumar as roupas no armário. À noite eles chegam e bagunçam tudo". Seu Pinguim chega a rir quando conta a história de uma de suas vizinhas, que acordou gritando por ele no meio da noite. Os ratos tinham roído seus pés enquanto dormia. Outro problema que aflige os moradores em relação aos ratos é a



Os problemas com ratos e coleta de lixo poderiam ser minimizados se fossem levados à prefeitura através de uma associação de moradores

Beatriz Prates/ZERO

leptospirose. A doença é transmitida pela urina do animal. Mesmo tendo consciência do perigo, as crianças ainda andam descalças pela favela.

Como não há coleta de lixo na favela, o acúmulo é muito grande. A Comcap (órgão responsável pela coleta de lixo da cidade) fez há três meses uma limpeza geral no lixão, que fica em frente aos barracos. Jucinei Medeiros da Comcap, diz que a coleta não é feita na favela

porque não existe um lugar onde os favelados coloquem o lixo e que o caminhão não consegue entrar lá dentro. Outra limpeza não tem nem data para ser feita. Com o acúmulo do lixo, além de ratos e baratas, a favela fica com um cheiro horrível. Dona Petronilha, que mora há seis anos na favela, diz que fica pior quando chove. "Mas pior mesmo é quando a chuva passa, é insuportável" diz seu Valdir.

Além dos problemas com o lixo,

o maior medo dos moradores é de serem transferidos para lugares distantes e isolados. Há um tempo atrás, alguns deles foram removidos para o Morro do Viveiro. "Muita gente vendeu as casas e voltou pra cá. Lá não tinha posto de saúde ou escolas perto de casa," diz Valdir. Maristela da Silva, que mora há dois anos na favela, diz que não quer sair dali. Mesmo com todas as dificuldades, ela diz que pelo menos tem escola, posto de saúde (da favela Chico Mendes) e hospital (Hospital Florianópolis) próximos.

a Via Expressa está localizada numa área de alto risco. Postes com fios de alta tensão passam por cima de todas as casas, se algum deles tiver qualquer problema os barracos seriam destruídos. Isso sem contar com o perigo dos carros que perdem a direção e caem dentro da favela. "Um barraco já foi quase todo destruído" diz Maristela da Silva. Por falta de organização, os moradores não conseguem melhorar seu nível de vida. Não há uma associação de moradores que leve os problemas da comunidade à prefeitura ou reivindiquem por soluções.

POLITICAGEM

Esquecidos por toda a sociedade, os favelados só são lembrados em época de eleição. Valdir Duarte conta que durante a campanha muitos candidatos passam a frequentar a favela. "Eles oferecem dinheiro, alimentos, material de construção, empregos e até voltinhas de carro" diz Elísio "Alémão", que mora há dez anos na favela. Valdir lembra de um emprego que lhe foi prometido por um deputado, pra quem ele conseguiu duzentos votos. "Eu estou esperando até hoje". Conversando com Alémão os dois chegam à conclusão de que o negócio é aceitar tudo que os políticos oferecem. "Depois que eles conseguem se eleger, se esquecem da gente", completa o Alémão. **Z**

ZERO
8

Tortura rodoviária

A rotina diária dos ônibus intermunicipais desafia as leis do bom senso e da segurança no trânsito.

por Bárbara Petres

Às 5h45min da manhã do Sábado de Aleluia, o Reunidas sai da garagem para rodar 340 quilômetros entre Videira e Francisco Beltrão, interior de Santa Catarina.

Na boléia do pinga-pinga, o motorista José Gioppo vai parar quase 360 vezes para pegar e largar passageiros.

A linha é intermediária, isto é, não tem passagem numerada e "qualquer um pode pegar o carro aqui e descer 2 mil metros depois", segundo o motorista. Resultado: fora os 45 passageiros sentados, em média 23 pessoas se acotovela permanentemente no corredor nos domingos e feriados. Normalmente 130 pessoas fazem o trajeto todo da linha, mas na Sexta-Feira Santa anterior, 400 passageiros se aventura-

ram na viagem, numa velocidade de 20 km na subida, crianças chorando e cheiro de palheiro no ar.

PINGA-PINGA - "Vamos dar um passinho pra trás", ordena o cobrador Edson Queiroz, tentando arrumar lugar para mais cinco passageiros que entram e não têm lugar para sentar. Nenhum deles, com certeza, sabe do decreto 952/93, que determina que só em ônibus semi-urbano ou em caso de acidente se pode viajar em pé, mas também, ninguém parece se importar com a situação.

O "brasileiro cordial" frequente esta linha pinga-pinga. Valdir Silva acha que "tá bom assim". "Meio sofredor, mas vai", diz Silvio Ferreira e mesmo com banco vago, Maria da Luz não senta: "Vamos em pé, pois é pertinho". Em oito anos de casa e motorista "nossa, nem sei, desde 54", o herói José Gioppo (salário R\$ 600,00), faz as sete horas de viagem Videira-Beltrão todos os dias. Diz que não lembra de nenhuma reclamação e que nunca foi desrespeitado

no exercício da função. Ele defende a empresa, que põe mais um carro nos dias de movimento e a sabedoria da estrada o fez entender: "Pinga-pinga é assim mesmo. Não tem solução".

Quem não parece contente são os mais "viados" e as mulheres com crianças, que, ao menos que sejam perguntadas, nunca vão recla-



O motorista José Gioppo acompanha a rotina diária do pinga-pinga

mar. Cristina Frias, com um nenê de seis meses no colo, foi a primeira a disputar um lugar na parada do ônibus em Caçador. "O nenê tá agitado. Coloquei remédio na boca dele porque tava com

bolor e fiquei com medo de não conseguir sentar".

Em Caçador, o ônibus também recebe os passageiros que vieram de Florianópolis, numa viagem de nove horas, e que querem ir para o Oeste

do estado e Paraná. Essas pessoas, mesmo tendo comprado o bilhete da passagem na capital, podem não conseguir sentar. Na hora da disputa dos bancos, vence o mais esperto e o menos cansado. **Z**



Os passageiros se espremem pelo corredor nos 340 quilômetros de viagem

Inofensivas invasoras

por Débora Sanches

Elas aparecem em toda a parte, estão na sala, na cozinha, no quarto, no banheiro. Por mais limpo que o lugar esteja, as formigas estão sempre mar-

cando presença. Mas ao contrário do que se pensa não são insetos que podem prejudicar a vida do homem.

Diferente das baratas que car-

regam dentro de si agentes que podem causar doenças, as formigas na sua maioria são inofensivas e possuem seus ninhos longe dos lugares que invadem para buscar alimentos. Segundo o biólogo e professor da UFSC Benedito Cortez Lopes, as formigas possuem o hábito alimentar onívoro, como o homem, comem de tudo. Casas e apartamentos são lugares excelentes para se procurar alimentos, pois há excedente.

Se um pedaço de bolo está infestado não adianta matar as formiguinhas. Elas são operárias, que na maioria das vezes estão buscando alimento.

A vida de um formigueiro gira em torno da rainha, que nunca sai e está sempre pondo ovos para manter a população de formigas. Se a rainha morre, o formigueiro morre junto.

A solução para afastar esses bichos de casa, não está numa dedetização completa, pois de acordo com o professor Lopes, os venenos fazem o efeito contrário, atacam os animais de

sangue quente (o homem, o cachorro, o gato) e quase não afetam as formigas. "O modo mais eficiente de afastar esses bichos é usando soluções caseiras, como água ou vinagre, usar pasta de dente ou massa corrida para tampar pequenos orifícios por onde as formigas possam passar.

NINHOS - O professor Lopes reforça que a dedetização nesse caso, só traz males para os moradores da casa. "Muitas vezes a dedetização adianta por alguns dias, mas logo depois as formigas voltam. Voltam porque geralmente o ninho nunca está dentro da casa ou apartamento e sim há muitos metros do local onde elas costumam coletar alimento", acrescenta Lopes.

"O incômodo que as formigas provocam é puramente visual. As pessoas se incomodam vendo aquela fileira de bichinhos, mas elas não vão pular nos moradores da casa", diz Lopes. Ele alerta ainda para que as casas estejam sempre limpas, principalmente as de

madeira, onde, como o cupim, a formiga pode se alojar. "Porém as formigas não se alimentam de madeira, mas isso não quer dizer que o ninho não comprometa a estrutura de uma casa. É bom passar um verniz para evitar a invasão", completa.

Muitas pessoas pensam que insetos como formigas possam transmitir doenças. "Em potencial sim", diz Zulmira Miotello Cipriano, membro da Comissão de Prevenção à Infecção Hospitalar do Hospital Universitário. Mas nada foi comprovado cientificamente. De acordo com Zulmira, o grande agente causador de infecções é o próprio homem, que carrega no corpo e principalmente nas mãos, muitas bactérias. "Insetos são animais muito pequenos, é claro que possuem uma carga de fungos e bactérias, mas é tão pequena que é praticamente impossível um formiga causar infecção hospitalar ou transmitir uma doença", afirma Zulmira. **Z**



Apesar de inconvenientes, as formigas não causam graves danos porque apenas buscam alimento

reprodução

Fora do movimento

Os cursos extracurriculares de línguas estrangeiras, e a maioria dos cursos de Pós-Graduação oferecidos pela UFSC, não aderiram à greve. Conforme a Associação dos professores da UFSC - Apufsc eles também deveriam parar pois, no caso dos extracurriculares, só custam tão barato porque usam toda a infraestrutura da Universidade. A Apufsc alega, ainda, que eles não parando, fica a conotação de que o ensino pago é mais importante do que o gratuito.

Mas, o objetivo do Departamento dos Cursos Extra-Curriculares é de não parar. Só entrarão em greve se os prédios forem fechados ou no caso de falta de alunos, pois a grande maioria são graduandos da UFSC e, se a greve continuar, os alunos do interior acabam voltando para casa, como já aconteceu em outros anos.

CREDIBILIDADE - Segundo a Coordenadora desses cursos, Marta Zanatta, a greve traz falta de credibilidade aos cursos, e os alunos alegam que pagaram, por isso querem aula. Disse ainda que existem alunos do "extra" que são professores da Universidade e estão em greve, mas não admitem que o curso que fazem pare. Também argumenta que os professores do extra são na maioria mestrandos e doutorandos e não são pagos pela Universidade, mas sim pelas mensalidades dos alunos. "Apesar de estarem utilizando um prédio público, os cursos extra-curriculares também contribuem com ele, pois muitos equipamentos já foram conseguidos com essas mensalidades, e isso tudo acaba sendo tombado como patrimônio da Universidade".

Nos Departamentos de Pós-Graduação reina a mesma posição: a de não adesão à greve. O Chefe do Departamento de Pós-Graduação em Língua Inglesa, José Roberto, diz que a justificativa para isso, é que a situação dos alunos não permite que eles parem, pois a maioria tem bolsa de estudo que variam de 24 meses/CNPq a 30 meses/CAPEs. Se eles entrarem em greve, não darão conta de terminar o projeto no prazo estipulado e perderão a bolsa, além de diminuir o conceito do mestrando.

A greve da UFSC

Nesta edição do jornal Zero, e enquanto durar a greve na UFSC, os alunos da primeira fase do Curso de Jornalismo estarão fazendo uma cobertura de todos os assuntos relacionados a ela, a Universidade, às políticas educacionais do governo federal e aos projetos de lei que tramitam - tramam - no Congresso sobre a Universidade. É nosso futuro - o futuro de nosso país - que está em jogo. Transformamos este canto, de um pequeno jornal laboratório, num local de debate, já que o espaço dado a estes assuntos - fundamentais - é tão desprezível, considerando a imprensa dos grandes jornais, revistas, rádios e televisão. Modestamente, damos nossa colaboração. Greve não é paralização, necessariamente. É mobilização.

Bolo parlamentar

Paulo Bornhausen foge da raia num debate para discutir seu projeto de privatização das universidades

Quem não esteve na UFSC no último dia 26, perdeu o debate mais polêmico do momento. E quem esteve, também perdeu. O deputado Paulo Bornhausen foi convidado pela Associação dos Professores da UFSC - Apufsc para um debate a respeito de sua emenda à Proposta de Emenda Constitucional - PEC-233. Aquela, que sugere a privatização do ensino de 3º grau... O debate, marcado para às 19h, no auditório do CFH, teria sido, no mínimo, esclarecedor. Se Bornhausen tivesse comparecido.

Resultado de quase um mês de conversa, o encontro foi marcado após uma série de entraves: o deputado pôde escolher data e hora e ainda leu, com antecedência, as perguntas que lhe seriam feitas. Um dia antes do já divulgado debate, a assessoria parlamentar de Paulo Bornhausen comunicou a Apufsc que por motivos "alheios a sua vontade", ele não poderia comparecer ao compromisso. Diante da argumentação de que uma saída destas poderia prejudicar o futuro do político catarinense, os assessores prometeram um parecer positivo à presença de Paulo Bornhausen no encontro. Mas... um parecer que não veio, até a hora em que o debate, marcado a *sine die*, já havia reunido cerca de 100 pessoas entre estudantes e professores, que resolveram não deixar aquilo passar em

brancas nuvens.

Todas aquelas pessoas estavam sedentas por respostas sobre o futuro da educação brasileira, a sugestão foi para que se aproveitasse o programa simultâneo: a sessão especial com os deputados federais da Comissão de Educação da Câmara, na Sala dos Conselhos - prédio da Reitoria. Como a síndrome do desaparecimento parlamentar já havia se alastrado, dos deputados convidados para

Percebendo que havia se tornado vítima do bolo do filho preferido de Jorge Bornhausen, o deputado Severiano Alves chegou a desabafar com frases do tipo "Eu sei que vocês querem bater em alguém, eu também quero..."

a sessão especial, apenas compareceu o deputado Severiano Alves, do PDT baiano - presidente da Comissão de Educação.

Com a cara de quem recebeu flores, o Sr. Reitor Diomário de Queiróz recebeu às pessoas que entraram na sala e apresentou o convidado, que acabou passando, no decorrer da noite, pela sabatina que estava destinada ao deputado Paulo Bornhausen.

CASO CONFUSO - Severiano Alves se tornou dono da noite. Especialista em emendar projetos alheios (autor de uma emenda na LDB e na PEC 233), revelou-se um parlamentar de opiniões ricas em contrastes. Dizia-se de oposição e lamentava a má fama injustamente atribuída

ao Congresso Nacional, era contra grande parte dos itens da LDB e no entanto disse que votaria a favor. Perguntas e cobranças surgiam por todos os lados e deixaram o deputado quase sem fôlego. A sabatina girava em torno de três assuntos principais: o Projeto de Lei nº 1.603 (referente a cursos técnicos), a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) nacional e a PEC 233. Mas a vedete da noite acabou sendo mesmo a LDB, projeto que, para o deputado, de início, não era motivo de polêmica. Desse modo, o ele caía em contradições que não eram toleradas, sobretudo quando se tratava do projeto substitutivo Darcy Ribeiro.

ABRINDO O JOGO - Percebendo que havia se tornado vítima do bolo do filho preferido de Jorge Bornhausen, o deputado chegou a desabafar com frases do tipo "Eu sei que vocês querem bater em alguém, eu também quero..." O deputado não é a Mãe Diná, mas fez revelações inéditas: "Na verdade, a Câmara ficou discutindo durante 5 anos o primeiro projeto da LDB, e ao mesmo tempo, o Senado discutia outro, o do Darcy, sabiam disso... E quem aprovasse primeiro, tinha preferência... A Câmara aprovou o primeiro e o do Darcy foi arquivado. "Depois o senador nomeou o senador Darcy Ribeiro, por entender que o senador tinha prestígio e tinha nome na educação... O senador vai agora ressuscitar o seu projeto, com algumas medidas que interessam ao governo..." E no auge do descontentamento popular, que se desenhava, o deputado soltou

a impagável máxima política: "Calma gente, nem tudo está perdido!" E o debate transcorreu até beirar às 23h.

E já não era surpresa para os presentes, que Paulinho Bornhausen tivesse saído pela tangente muito antes do tiroteio começar: "Será que o Paulinho Bornhausen vai ter peito prá vir aqui hoje?" Era a pergunta que corria a boca pequena por todo o Campus, na manhã do dia 26.

E o senhor, Deputado... o senhor não teve mesmo. **Z**

Números da paralização

Os Centros com quase nenhuma ou nenhuma adesão são o Centro Tecnológico (CTC), devido ao grande número de pesquisas e projetos financiados por empresas privadas, o Centro de Ciências da Saúde (CCS) e o Centro de Ciências Jurídicas (CCJ), por contarem com um grande número de professores fora do regime de dedicação exclusiva -D.E.-à universidade, que têm outras atividades profissionais fora dela. "As Assembléias vêm crescendo", afirmou o presidente da Apufsc, o professor Osni Jacó da Silva: "Na última havia 287 professores, o que é uma situação representativa, pois os professores hoje estão mais distribuídos.

Já o presidente do Sindicato de Trabalhadores da UFSC, SINTUFSC, Roberto Andrade, sente um clima de desmobilização e falta de esclarecimento político dos funcionários. De aproximadamente 3100 funcionários ativos, apenas 250 estão paralisados, ou seja: menos de 10%. **Z**

O estado das coisas

Existem turmas sem aula por falta de professores nos cursos da UFSC

A Universidade Federal de Santa Catarina tem dificuldade para contratar professores substitutos. Vários alunos começaram as aulas com atraso e algumas disciplinas foram canceladas. Praticamente todos os onze centros que compõem a Universidade sofreram com a diminuição de vagas para a contratação de substitutos, definida pelo governo.

A chefe do Departamento de Línguas e Literatura Estrangeira (LLV), Heloísa Moritz, informou que os problemas encontrados pelo seu departamento já foram contornados. Não foi possível contratar o número de professores necessário e, por isso, alguns professores aumentaram a suas cargas horárias. "As cadeiras canceladas não prejudicaram os alunos, pois eles foram encaixados em outras tur-

mas", disse Heloísa.

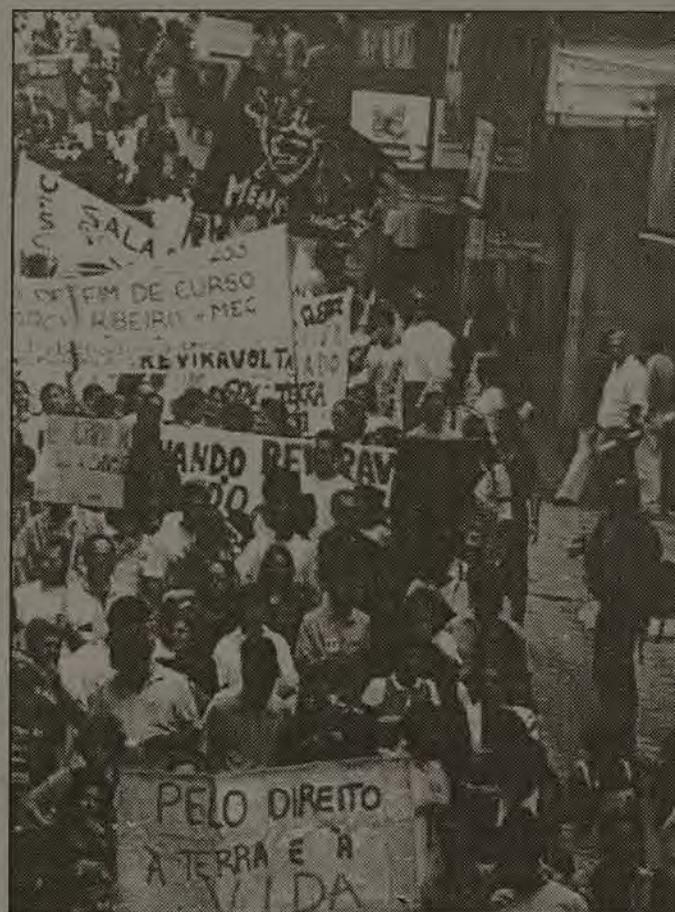
Uma turma de Educação Física invadiu o prédio da Reitoria, conseguindo que contratassem o professor de que necessitavam. A contratação só foi possível, segundo o chefe do Departamento de Técnicas de Ensino, Dylton do Valle Pereira Filho, porque a Secretária de Ensino Superior, em uma palestra, se comprometeu a repor todas as aposentadorias durante o semestre.

SÓ NO GRITO - A turma da nona fase de Letras Inglês - licenciatura, com cerca de treze alunos, na sua maioria formandos, só conseguiu ter aula através de um mandato de segurança. A turma conversou com vários professores na Universidade, com o reitor e a vice-reitora, nada conseguindo resolver. A única professora qualificada, que passou no processo de seleção simplificado, para ministrar a disciplina de Prática no Ensino de Inglês, já havia sido professora substituta no ano passado, e não pode-

ria lecionar novamente. Foi aberto uma nova seleção e a nova candidata não foi aprovada. Segundo a liminar dada pelo juiz, a Universidade deveria fazer com que o curso funcione regularmente, e assim a antiga professora foi contratada.

Desde que o governo começou a ameaçar os professores com novos projetos de aposentadoria, problemas relacionados à contratação de professores substitutos têm ocorrido. "Com isso, a Universidade perde em produção, pois professores no auge da sua produtividade acabam aposentando-se precocemente", disse Dylton do Valle Pereira Filho. "Os professores substitutos começam a integrar-se a Universidade após um ano, e é neste período que eles se afastam.", completa.

O processo de seleção de professores substitutos procura pessoas qualificadas, mas como não há garantia de emprego e os salários são baixos, as pessoas que entram acabam sendo menos preparadas



Mouve muita mobilização nas passeatas ao centro da cidade

Lúcio Flávio/ZERO

que as que saem.

O cargo de professor substituto sempre existiu, só que com outros nomes. Colaborador, auxiliar e horista são alguns exemplos. Na lei 8745, que vigora no momento, o professor substituto só pode

trabalhar durante um ano na universidade e depois não pode ser recontratado. A antiga lei, que vigorou de 91 a 94, o professor poderia trabalhar durante quatro anos e, passando em novo concurso, poderia ser novamente contratado. **Z**

Adesão parcial

No dia 7 os professores da UFSC completaram tres semanas de greve. Mesmo querendo trazer novas conquistas e, principalmente, impedir perda de outras - que não só interessam a servidores e professores, mas a todos os setores ligados à Universidade - ainda é grande o número de docentes que não aderiram ao movimento.

Não são as punições aos grevistas, recomendadas pelo governo, que estão afastando a participação destes professores. O reitor Antônio Diomário Queiroz declarou seu apoio ao movimento, dizendo que não assumiria nenhuma retaliação contra os servidores e professores.

COMPROMISSOS - No Centro Tecnológico (CTC), que tradicionalmente demora a aderir a movimentos parciais, a baixa adesão é

explicada pelo fato de a maioria dos cursos daquele centro ter suas atividades agregadas ao desenvolvimento de pesquisas, feitas em conjunto com empresas privadas, além de compromissos junto ao CNPq. Outra justificativa, no caso dos cursos de Engenharia Civil e Sanitária, é o de que a atenção deles está concentrada na reconstrução dos laboratórios incendiados em 14 de abril. Essa atitude passiva também é observada no CSE, onde em alguns cursos, como no caso da Administração, somente um professor está em greve.

TRÊS SALÁRIOS - Para justificar, alguns professores dizem não acreditar no motivo pelo qual a greve está sendo feita, argumentando ser injusto um aumento salarial de mesmas proporções tanto para o servidor que ganha R\$ 400,00 quanto para o que ganha R\$ 4000,00. Outros lembram que o mais im-

portante financeiramente para eles, no momento, são os serviços de consultoria prestados através da Universidade a outras empresas. Com isso chegam a ganhar até 3 vezes mais que seus salários.

SEM COESÃO - Alguns cursos do CCS, como Odontologia e Medicina, alegam que se um número considerável de professores pararem suas atividades de extensão - relacionadas à formação de seus alunos - toda a comunidade



A participação e a mobilização aumentam a cada assembleia

Agecom/UFSC

sofria. Seria difícil recomençar um tratamento dentário interrompido, por exemplo.

Estes casos demonstram que é muito difícil uma greve na UFSC ser unânime e coesa, devido não só à di-

versidade e às particularidades de cada centro, departamento e curso, como também pelos interesses e pontos de vista divergentes encontrados entre os próprios professores. **Z**

Flautas @ Fardas

Na disciplina para o aprendizado vale prestar continência para os colegas ou desenvolver habilidades artísticas. Cada escolha reflete o estilo de vida dos pais

por Sandra Vieira

Às 7 horas e 25 minutos, as crianças pegam as suas flautas-doce e começam a tocar. Na sala ao lado, outras mexiam com argila e fios de lã. Era disciplina de artes aplicadas que, como a música, é obrigatória no currículo da escola Anabá, um colégio alternativo em Florianópolis. Alternativo devido a sua metodologia de ensino, que não prevê avaliação, e embora com disciplinas do núcleo comum, como matemática e português, estimula e dá muito mais ênfase a matérias que visam desenvolver a criatividade da criança. "A diferença básica existente entre nós e os colégios tradicionais é o fato de não nos preocuparmos só com o intelecto dos alunos, mas também com sua preparação para a vida", argumenta a diretora da escola, Beatriz Steckel Carmolunga.

A Anabá, que em tupi-guarani significa Alma do Homem, existe há 16 anos e tem 250 alunos. Ela é extensão da escola Rudolf Steiner, em São Paulo, que utiliza a pedagogia antroposófica, também conhecida como Pedagogia Waldorf - uma técnica, existente há mais de sete décadas e usada em 700 colégios distribuídos no mundo inteiro. Sua filosofia é desenvolver a criança como um todo, ou seja, influenciando na formação da mente, do corpo e do espírito. Por isso, além de disciplinas com arte, eles ensinam a alimentação ideal e têm no constante contato com a natureza os ensinamentos da espiritualidade. "Embora nossa doutrina seja cristã, não voltamos nosso ensino para nenhuma religião", especifica a diretora.

TRÊS ESTRELINHAS - Lá não é preciso usar uniforme. Porém batom de cores muito fortes é vetado. Não há provas e os alunos não recebem notas. Porém, o comporta-

mento e o capricho do caderno - que é o mesmo para todas as disciplinas - servem para determinar se o aluno deve ou não passar de ano. "Testes são muitos restritos, o que eles avaliam?", analisa uma



das professoras da escola, Claudia Garibaldi. No Anabá, um único professor acompanha o aluno desde o jardim.

Claudia tem um de seus três filhos matriculado na escola. Ela e o marido - que estudou em escola alternativa - moram no Rio Tavares, sul da Ilha, de forma bem naturalista. Não comem carne, não têm televisão e sua casa fica numa área onde predomina o verde. "Queremos nossos filhos com um mundo interior muito rico", diz.

Já a mãe de Claudia, Mauriliana Garibaldi - uma italiana que mora desde criança no Brasil - não se conforma com o tipo de vida que a filha leva e não aprova o tipo de escola

As diferentes formas de ensino encontram adeptos entre pais e professores. O ponto em comum é a busca de uma educação adequada

que seu neto estuda. "Nós temos que evoluir. Eles estão vivendo no século passado, quando nasceu Rudolf Steiner" comenta frustrada. Ela lembra que Claudia estudou no tradicional colégio Galileu Galilei em São Paulo e que só conheceu a antroposofia depois que se formou em Pedagogia. "A boa escola não precisa ser muito rígida, mas também não precisa ser lerda. Tomara que meus netos consigam se estruturar mais tarde no mercado de trabalho, mas eles vão ter que ser muito inteligentes para isso", diz pensativa, Mauriliana Garibaldi.

SEM COMPETITIVIDADE - Assim como a mãe de Claudia, a psicopedagoga clínica e terapeuta da fala Zelita Chamone acredita que as escolas ideais ainda são as tradicionais. E mais: diz que a volta da escola tradicional adaptada a realidade é uma tendência. "Eu verifico na maioria das crianças com problemas de aprendizagem o fracasso da escola. A escola tradicional tem tido mais sucesso que a alternativa", revela. Segundo Zelita, outra falha, não só da Anabá, mas das escolas alternativas em geral - em Florianópolis há mais quatro - é a falta de avaliação. "É importante para que o aluno se adapte no futuro para a competitividade", comenta. Para a psicopedagoga, os colégios Menino Jesus e Imaculada Conceição são exemplos de escolas tradicionais ideais. "Já o Instituto Estadual de Educação não seria ideal. Mesmo que haja avaliação, não se



Fotos: Joice Sabatke/ZERO

"Direita, volver"

Com a farda impecável e em posição de sentido, os alunos do colégio militar cantavam o hino da escola. A rotina de entrar em forma antes de ir para a sala de aula já diferencia o colégio dos demais. É o único onde os alunos precisam ficar de pé quando o professor entra na sala, enquanto um 'chefe de turma' apresenta a classe, para só depois dar início à aula. A disciplina e a hierarquia é a mesma usada pela Polícia Militar. Aluno de 5ª série, por exemplo, deve prestar continência aos da 6ª série em diante, e naturalmente, aos militares. Os 462 alunos têm ainda disciplinas de ordem unida e quando transgridem as normas são advertidos com o RD - recuperação disciplinar. Mas ao invés de suspensão o aluno terá que limpar alguma parte do colégio, sejam os vidros, os banheiros ou o jardim. "Ele é procurado pelos pais justamente por sua disciplina", justifica o diretor, Major Jorge Luiz Freitas Martins.

Com dois filhos matriculados no colégio militar, o engenheiro mecânico Arcanjo Lenzi acredita que o convívio com regras é importante para a vida de um adolescente. "Quando morei na Inglaterra observei muito respeito das pessoas com colegas e professores", lembra Lenzi que também considera bom o nível de ensino do colégio.

A ex-aluna Adriana Souza da Silva conta que a melhor fase de sua vida aconteceu no colégio. Certa que seguiria a carreira militar, ela lembra que se orgulhava de usar a farda. "Comecei lá. Quando terminei o 2o grau fui soldado e hoje estou quase me formando no Curso de Formação de Oficiais". (S.V.)



O gênio em traje

Aos vinte anos, o estudante Clóvis Maliska é exemplo de que CDF não precisa ser nerd

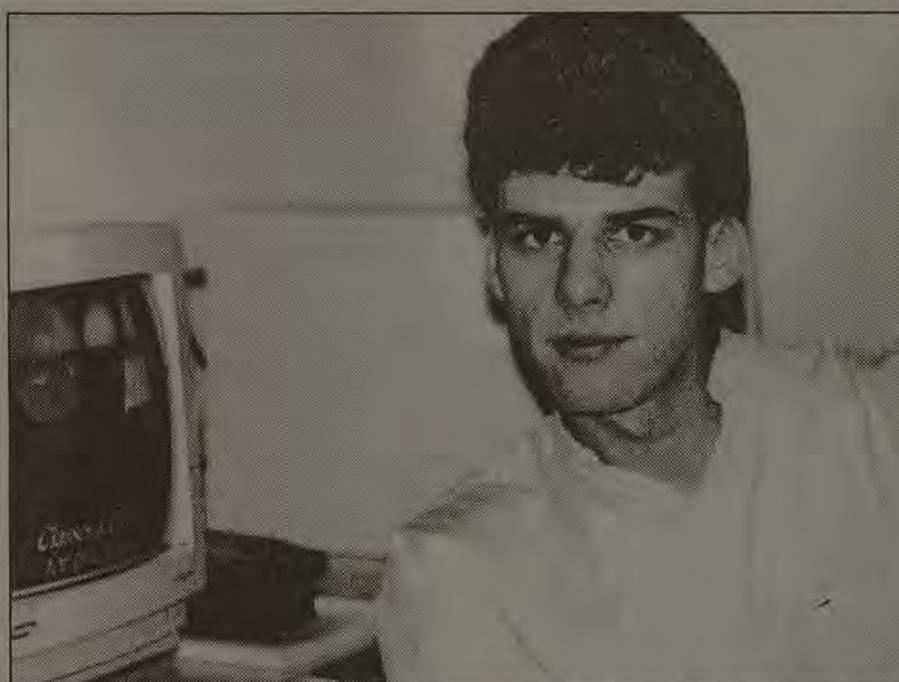
por Fátima Pissarra

Quando ouvimos falar sobre algum gênio, logo pensamos em uma pessoa pelo menos um pouco diferente do normal, usando os famosos óculos "fundo de garrafa", cabelos em pé, roupas malucas... Mas como para toda regra existe uma exceção, o aluno Clovis Maliska Júnior é uma delas. Com apenas 20 anos, completados no dia 4 de abril, Clovis finaliza a versão 1.0 de seu próprio software, o Coi-lib, um programa para visualização 3D e interface gráfica; conhecido e premiado como um dos 5 melhores softwares expostos na Fenasoft de 95, e já sendo usado por instituições de grande porte como a Petrobrás, o Centro Tecnológico Aeroespacial de São José dos Campos e a Celesc.

Aluno da 7ª fase de Engenharia Mecânica, na UFSC,

Clóvis decidiu seguir a carreira de seu pai, Clovis Maliska, professor e coordenador do Sinmec (Laboratório de Simulação Numérica em Mecânica dos Fluidos e Transferência de Calor - UFSC). Foi dele que ganhou, aos 9 anos, seu primeiro computador, um PC XT, da Itaotec, um dos melhores da época. Familiarizou-se com os softwares acompanhando o pai nos trabalhos feitos pelo Sinmec. E foi neste mesmo laboratório que Clóvis obteve seu primeiro emprego, com 13 anos. A partir daí começou a desenvolver seus softwares.

TEMPO DE SOBRA - Sua rotina diária era muito diferente da de seus colegas. De manhã treinava quatro horas de tênis (exemplo seguido pela irmã, Karina Maliska, hoje a quarta melhor tenista do ranking nacional), estudava a tarde e trabalhava nos computadores na parte da noite. Apesar de toda essa carga, sempre arranjou tempo para estudar para as provas do Colégio de Aplicação, onde estudou até o 2º colegial e nunca reprovou de



Praticante de tênis e fã de cinema, Clóvis mostra que é possível ser gênio sem ser nerd

Maria Augusta Carvalho

ano.

No 3º colegial decidiu parar de jogar tênis e se dedicar somente aos estudos e ao computador, é claro. Arranjava tempo para o lazer nos finais de semana, "Sempre gostei de sair, e não abro mão de ir ao cinema", acrescenta. Seu maior hobby é mergulhar, sonha em ter uma lancha e sair mergulhando pelo mundo.

"BILL GATES" - Qualquer semelhança com Bill

Gates talvez não seja mera coincidência, aos 18 anos montou sua própria empresa, a ESSS, que hoje se encarrega de produzir softwares para a área de engenharia e alguns sob encomenda, atendendo empresas importantes como a Petrobrás. Mas ele mesmo não se compara a Bill Gates, o bilionário dono da Microsoft. Clóvis quer sim ter uma empresa conhecida mundialmente, mas não pretende construir um mega empreendimento

como é hoje a Microsoft, seu público é mais direcionado.

No final de maio a ESSS já vai estar com uma sede própria, a versão 1.0 do Coi-lib pronta e a versão para Windows 95 em fase final. Suas expectativas para o futuro cada vez se tornam mais concretas. Clóvis sonha alto e já traçou as metas que deseja alcançar. A família dá apoio constante. Definitivamente ele é uma pessoa que luta para alcançar seus ideais.

Portunhol, never more!

Ensino do espanhol já é obrigatório, mas a maioria das escolas de SC não tem professores habilitados

por Omar Felipe Paludo

A língua espanhola passa a ser obrigatória, por lei, nos colégios estaduais de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Já em Santa Catarina, a falta de professores habilitados faz com que apenas algumas escolas ofereçam a disciplina em seu currículo. Com a implantação de Mercosul, muitas empresas estão dando cursos de espanhol aos seus funcionários.

Nos colégios de Santa Catarina, o principal problema é o salário. Para os professores de espanhol habilitados, que são poucos, é mais lucrativo dar aulas particulares e cursos em empresas e órgãos públicos do que lecionar em colégios estaduais.



Com a falta de profissionais na rede de ensino público de Santa Catarina, a disciplina de língua espanhola está sendo ministrada por professores sem habilitação, sem formação de nível superior na área. Em

alguns casos, professores com curso superior em outras áreas e até mesmo professores sem nenhuma formação superior suprem as necessidades do ensino. Quem informa é o Presidente da Associação de

Professores de Espanhol, Sérgio Murilo Machado.

INTERESSE - O colégio Estadual Osmar Cunha, em Canasvieiras, substituiu no ano passado o inglês pelo espanhol em seu currículo. O diretor da escola, Daniel Danielli, constata que além dos alunos, na maioria carentes, conseguem empregos nos hotéis e bares mais facilmente durante o verão, eles se interessam pelo espanhol, porque as aulas são mais dinâmicas.

O método de ensino do espanhol dá ênfase à conversação e não a tradução como ocorre com o inglês. E a proximidade com os povos latinos estimula a curiosidade e a necessidade dos alunos em conhecer a cultura desses povos. A fim de despertar o interesse do aluno, os professores de espanhol utilizam bastante o vídeo-cassete e a televisão, que colaboram para que os estudantes reforcem seu aprendizado.

Mas não é só nas escolas que estão ensinando a língua espanhola. Muitas empresas estão oferecendo cursos de espanhol a seus profissionais. Para capacitar seu quadro funcional de modo a facilitar as negociações, tendo em vista o Mercosul, algumas empresas já implantaram cursos internos intensivos de espanhol. Este é o caso da RBS e da Portobello, que estão capacitando seus profissionais de comércio exterior e marketing, a fim de melhorar os contatos para exportação e divulgação de produtos.

A polícia militar também está investindo em cursos de espanhol. Para que os policiais possam prestar informações turísticas e desenvolver serviços de utilidade pública, a PM de Santa Catarina está formando grupos de profissionais para estudar a língua. A intenção da PM é melhor acolher o turista, principalmente na temporada de verão.

Dr. Minatti

o picareta eletrônico

O que você faria se soubesse que o seu consultor sexual via Internet é, na verdade, um estudante de química?

por Laura Tuyama

Quem assina a lista de discussão *Sexo* da Unicamp, certamente já viu as mensagens do Dr. Minatti, consultor sexual. Ele atende há mais de uma ano na lista, não cobra nada e já chegou a receber os mais diversos tipos de problemas. Sua carreira começou no exterior e a experiência na área está se tornando cada vez maior, talvez única no mundo.

No começo, quando as pessoas perguntavam o que ele tinha para ser consultor sexual, falava que tinha formação teórica e prática na área.

O Dr. Minatti recebe *e-mails* de diversos países, reacionados com problemas de diversas culturas.

O que muita gente não sabe é que este doutor é apenas um aluno do curso de doutorado e sua formação nada tem a ver com terapia sexual ou ginecologia. Edson Minatti, 23 anos, dedica grande parte de seu tempo à química dos polímeros. Para concluir seus estudos, está morando atualmente nos EUA. O que não impede de manter o seu serviço de consultoria.

Ele considera sua participação na lista como um hobby, mas quem leva seus conselhos a sério, pode pensar que a coisa não é bem assim. A linguagem sóbria com que responde e um certo embasamento podem levar a crer que se trata mesmo de um especialista, o que o levou a receber uma centena de mensagens por dia.

BRINCADEIRA - Tudo começou como uma brincadeira há dois anos quando passou a assinar várias listas de discussão nos EUA e Europa. Ele percebeu que as mensagens sobre sexo não tratavam de fato sobre o assunto. Um dia recebeu uma mensagem

de uma americana que relatava um problema com o namorado. Vendo ali a chance de fazer alguma brincadeira, ele respondeu a mensagem, deu alguns conselhos e assinou a carta como consultor sexual.

A mulher agradeceu a ajuda, mas ao invés de responder em particular, lançou seu agradecimento numa mensagem pública para todos os assinantes da lista. Alguns acreditaram na história e começaram a escrever para ele. Foi um dilema: ou ele mandava uma mensagem dizendo para todo mundo que era mentira ou ele começava a levar a sério aquela história.

A coisa funcionou tanto que se tornou uma pirâmide: passando algum tempo, ele começou a receber de 70 a 100 *e-mails* por dia, pedindo conselhos sexuais.

Então decidiu levar a sério e cada vez que recebia uma pergunta estudava bastante para responder com seriedade. Quando o assunto era ligado à ginecologia, ele pedia ajuda a um amigo ginecologista. Se a pergunta era relacionada a namoro, pegava as revistas *Nova* e *Cláudia* que sua mulher assinava.

O auge da carreira de consultor aconteceu depois que ele começou a fazer propaganda do serviço. Nas respostas que enviava para as pessoas, Minatti incluía um pedido: se elas tivessem gostado do serviço, que agradecessem para a lista. Assim todos ficariam sabendo que o consultor não estava para brincadeira.

O sucesso foi tão grande que até aqueles que no início não acreditaram no consultor, passaram a procurá-lo e pediam desculpas por terem duvidado. Assustado com a sucesso repentino, Minatti pediu para que as pessoas parassem de agradecer na lista. Se continuasse com muita publicidade, não teria mais tempo para estudar e ia ficar o dia inteiro respondendo aos seus "pacientes".

O sucesso foi tão grande que até aqueles que no início não acreditaram no consultor, passaram a procurá-lo e pediam desculpas por terem duvidado. Assustado com a sucesso repentino, Minatti pediu para que as pessoas parassem de agradecer na lista. Se continuasse com muita publicidade, não teria mais tempo para estudar e ia ficar o dia inteiro respondendo aos seus "pacientes".

MANTENDO A IMAGEM - Ele recebia também *e-mails* de

KNOW-HOW - Quando foi

Pergunta - Dr. Minatti, eu nunca atingi o orgasmo. É um mito. Minhas amigas dizem que é orgasmo e fico morrendo de inveja. A Resposta - Todos os seres vivos, inclusive o homem, possuem como parte de suas metas principais: garantir a perpetuação da espécie, através da sobrevivência sexual.

criada a lista *Sexo*, da Unicamp, Minatti já se apresentou como consultor sexual. "Afim, eu já tinha o *know-how*". No começo, algumas pessoas acreditaram e outras não. As que acreditaram começaram a mandar *e-mails*. E ele pôs-se a respondê-los. "Eu já estava ficando até profissional, pois os problemas começaram a se repetir".

sacanagem, como de homens perguntando o que fazer para ter um caso com um consultor sexual. E mulheres que escreviam contos eróticos, relatando as fantasias sexuais com o consultor. Ele nunca respondia a este tipo de provocação. "Às vezes me dava vontade de responder mas eu já tinha construído a imagem de consultor sexual" diz. "Essa

era uma faceta que não podia transparecer".

Hoje ele recebe, em média, cinco *e-mails* por dia, relacionados à consulta sexual. Minatti

não se considera totalmente despreparado para o cargo que ocupa na lista. No curso de graduação, estudou neuroquímica -

química ligada ao sistema nervoso - e farmacologia. "Estudei bastante o corpo humano". Quando aparecia algum problema sério, dava sua opinião e pedia que as pessoas procurassem um especialista. Sempre guardou sigilo.

Depois que se consagrou como consultor sexual no Brasil, Minatti parou de mandar *e-mails* para o exterior. Para ele, é perigoso que as pessoas de lá levem a sério. "Se descobrirem que não tenho formação específica na área, posso muito bem ser processado por exercício ilegal da profissão", afirma.

Mas ele garante que jamais mentiu para ninguém. "Nunca disse que tinha formação teórica". Ele acha que aqui no Brasil o seu serviço não é levado a sério. "Se eu tivesse dito que era ginecologista, tivesse graduação em consultoria sexual, que nem sei se existe, seria uma mentira que mais tarde poderia ser contestada", diz. No começo, quando as pessoas perguntavam o que ele tinha para ser consultor sexual, falava que tinha formação teórica e prática na área.

E o que Minatti vai fazer com toda esta experiência? "Não pretendo lançar livro, cobrar consulta ou montar consultório. Todo este trabalho sempre foi um hobby para mim e acho, sinceramente, que já ajudei muita gente". Ele percebe que as pessoas confiam no seu trabalho, então se esforça ao máximo para dizer uma coisa séria. "Talvez continue só para me divertir um pouco".

Condenados à escuridão

A um passo do ano 2000 a humanidade se vê novamente as voltas com um velho problema: a escassez de energia.

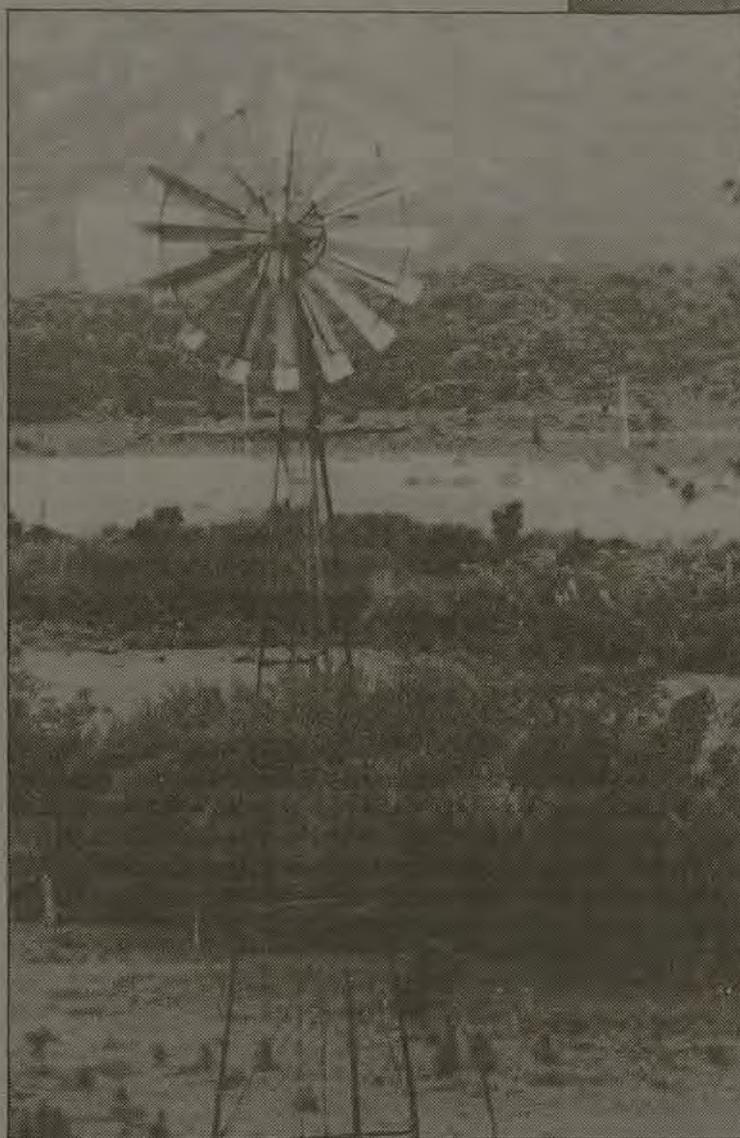
por Andrea Marques

A pesar de todo o avanço tecnológico, a demanda energética mundial (ou pelo menos 80% dela) continua dependente dos combustíveis fósseis. O grande problema é que esses combustíveis um dia vão se esgotar. E além disso o seu uso liberará 30 bilhões de toneladas de CO₂, CO, SO₂, NO_x (óxidos de nitrogênio) por ano na atmosfera. No Brasil a situação é um pouco diferente, mas não menos problemática, 95% da energia elétrica do país é derivada da geração hidráulica. E de acordo com a Eletrobrás essas reservas poderão se esgotar no ano 2000, em condições regulares de crescimento econômico. E a Energia Nuclear... Apontada como suposta alternativa energética ela mostrou ter várias limitações, sobretudo do ponto de vista ambiental. Os países que investiram nesta área estão com suas pesquisas paradas ou já as abandonaram.

ALTERNATIVAS - A tendência mundial é a concentração de esforços nas pesquisas de fontes alternativas de energia. "Os países industrialmente mais desenvolvidos procuram no binômio Energia Solar-Combustível Solar, juntamente com a Energia Eólica - gerada pelos ventos - a alternativa para o problema energético e ecológico do próximo século", explica o Prof. Ênio Pereira do Laboratório de Energia Solar da UFSC. O desenvolvimento científico e tecnológico vêm diminuindo o preço dos equipamentos de conversão de energia solar, aumentando a competitividade dessa forma de energia frente às energias convencionais. Países como os Estados Unidos, Alemanha, Austrália, Japão e Israel, com os seus investimentos no setor, são os grandes responsáveis por

esses avanços tecnológicos.

No Brasil as energias alternativas são ainda muito pouco aproveitadas. Com o barateamento de custo dos coletores solares (conversão termo-solar), algumas residências estão começando a implantar o seu uso, como no Bairro Santa Mônica em Florianópolis. Uma família que usa energia solar como energia auxiliar num aquecedor elétrico obtém o retorno do seu investimento



Placas de energia solar de casa no bairro Santa Mônica. Na foto ao lado, moinhos de vento.

Andrea Marques/ZERO

Energias alternativas apontam solução

Embora o uso de Energias Alternativas seja ainda limitado, no Brasil podem ser usados os seguintes recursos:

Energia Solar - São dois os tipos. Conversão Termo-Solar e Células Fotovoltáicas. A primeira tem uso doméstico no aquecimento de água operando com uma temperatura inferior a 100°C e seu custo é bem pequeno comparado com o segundo tipo. Já as células

Fotovoltáicas produzem uma corrente elétrica pela ação direta do sol na superfície de silício puro (mesmo material usado nos transistores elétricos). O aproveitamento da energia solar é um projeto viável, tanto técnica como economicamente. O principal obstáculo é o elevado custo. "Essa energia só poderá se tornar uma opção viável na substituição das fontes convencionais quando for solucionado o problema de seu caráter descontínuo e muito variável" acrescenta o Prof. Ênio Pereira em seu artigo "A energia que vem do sol".

Energia Eólica - Produzida pelos moinhos de vento, cataventos cujas

pás são acionadas pela movimentação dos ventos. Os cataventos podem gerar energia mecânica-direta ou elétrica através de um gerador, servindo para bombear água, irrigação, iluminação, acionar engrenagens e carregar acumuladores. O seu bom funcionamento depende da regularidade dos ventos. Os ventos fracos resultam em pouca energia e os ventos fortes em desperdício.

Biodigestores - É a extração de gases inflamáveis de excrementos humanos e animais, principalmente o gás Metano. Os gases (não tóxicos e muito seguros) são produzidos pela fermentação anaeróbica da matéria orgânica. Depois de feita a extração dos gases, ainda sobra nesse processo uma quantidade suficiente de adubo biofertilizante excelente para a lavoura. O biogás produzido apresenta em média um poder calorífico de 5800 calorias por metro cúbico, podendo ser queimado diretamente em fogões, lâmpadas, fornalhas, secadores de produtos agrícolas e motores convencionais de combustão interna. O biodigestor contribui ainda para o saneamento da propriedade e o seu custo de manutenção é baixíssimo. A maior limitação a esse tipo de energia é o acesso à matéria prima e por essa razão o seu uso fica mais restrito ao campo (fazendas, sítios, etc.).

Eles fazem de tudo para emagrecer

Para ter a silhueta que a natureza não lhes deu, os gordinhos fazem de tudo para emagrecer.

por Daniela Melo

Na eterna luta contra a balança, emagrecer sem sacrifícios e sem deixar de comer aquilo que mais gosta é o sonho da maioria dos obesos. E a solução para uma dieta eficaz, sem fórmulas milagrosas, pode ser a reformulação alimentar, ou seja, um programa personalizado de reeducação dos hábitos alimentares, que concilia estética e saúde.

Porém, essa é uma realidade que os obesos preferem ignorar. Pressionados por um padrão de sociedade, onde ser gordo é ser feio, eles entram em conflito e buscam uma fórmula mágica para perder peso o mais rápido possível. Então começam a apelar para medicamentos e dietas "milagrosas". É o caso da *dieta revolucionária do Dr. Alkins*, que permite a ingestão de quaisquer quantidades de proteínas e gorduras. Esta dieta é rica em gorduras, como ácidos graxos saturados e colesterol. Há também a *dieta de Beverly Hills*, pela qual nos primeiros 10 dias o paciente não come nada além de frutas em ordem específica e em dias específicos, o que do ponto de vista nutricional é infundado. Entre outras, ainda existe a *dieta do leite e da banana*, rica em proteínas e gorduras, onde calorias não contam.

Segundo Regina Lúcia Martins Fagundes, professora titular do Departamento de Nutrição da UFSC, esses tipos de dietas são incorretas, porque não apresentam o equilíbrio entre os alimentos responsáveis pela manutenção da saúde, apesar de fazerem emagrecer rapidamente. "A obesidade é um estado patológico, no qual há um excesso de tecido adiposo em relação à massa corpórea magra. Ela reflete um desequilíbrio a longo prazo entre a ingestão e o gasto calórico". Para Regina, o primeiro passo para uma pessoa emagrecer é mudar o estilo de vida, e com isso a educação alimentar. Ela garante que a melhor di-

eta de emagrecimento é a hipocalórica, uma dieta equilibrada entre proteínas, glicídios e lipídios, a fim de promover uma perda de peso sem que ocorra a desnutrição. Além disso, o tratamento dieterápico da obesidade deve ser individualizado levando-se em consideração, sexo, idade, avaliação, antropometria, atividade física, hábitos alimentares e condição sócio-econômica.

SAÚDE EM DIA - Para se ter sucesso no regime é importante perder peso e, principalmente, conseguir a manutenção do peso ideal, para também ajudar na cura de problemas de saúde.

apresentação da receita médica. "Não uso regularmente por causa dos efeitos colaterais, mas pelo menos eu controlo minha vontade de comer", conta Beto. Os anorexígenos - drogas utilizadas no tratamento da obesidade - são produzidos com anfetaminas e têm alto poder viciante. Eles atuam no sistema nervoso central, provocam euforia, aumentam a elevação da pressão arterial e levam muitos usuários à esquizofrenia.

TERAPIA INTENSIVA - De acordo com o endocrinologista Sérgio de Carvalho, existem obesos que precisam desse tipo de droga para controlar o peso até que

grede de um regime bem-sucedido não é deixar de comer tudo o que gosta, mas sim comer pouco durante várias vezes no decorrer do dia".

MUDANÇA DE HÁBITO - A obesidade é uma doença controlável desencadeada por muitos fatores. Podem estar implicados aí os hábitos alimentares, sedentarismo, problemas emocionais e as razões genéticas. Os gordinhos, escravos dos regimes, lutam contra um defeito metabólico de origem genética.

Certas pessoas perdem menos calorias do que outras porque podem não dispor de certas "fechaduras" capazes de abrir



A busca de um milagre através de inibidores de apetite pode levar ao vício. Formuladas com anfetaminas, essas drogas atuam diretamente no sistema nervoso central

Barbara Petres/ZERO

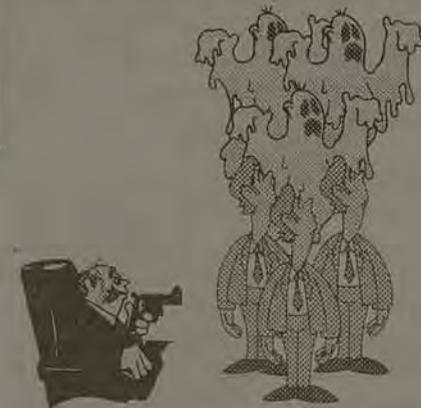
Mas parece ser impossível para os obesos ansiosos esperarem alguns meses para se acostumar com a reeducação alimentar. Beto Westphal, diretor de teatro do Grupo Armação, não admite que está gordo para ir ao médico, então vai à farmácia. "Já fiz todos os tipos de dietas, mas não consegui seguir nenhuma porque não gosto de me submeter às regras. O jeito foi procurar os inibidores de apetite". Ele encontrou uma farmácia que vende remédios com tarja preta e vermelha, como o Inibex, sem a

o médico consiga mudar o comportamento alimentar do paciente. Carvalho define esse tratamento como *Terapia Intensiva da Obesidade*. "Todas as dietas que limitam qualquer alimento são negativas, pois levam a pessoa a ter mais ansiedade", analisa. Ele acredita que a pessoa engorda devido a problemas de ordem emocional ou não por não ter prazer na vida. Por isso, é essencial tratar a mente e o corpo, fazendo um plano alimentar que é preparado dependendo de cada indivíduo. "O se-

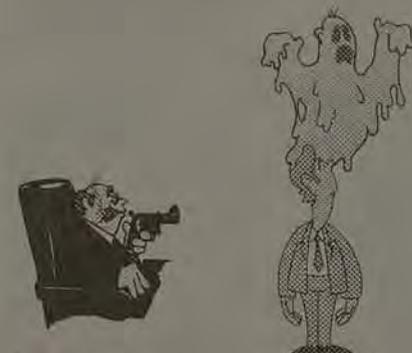
a "porta" das células de gordura para dar passagem para a adrenalina, hormônio que participa do processo de queima de calorias e eliminação da gordura. A ausência de tais fechaduras, chamadas de receptores beta-3, impede a passagem da adrenalina para o interior da célula, fazendo com que ela inche. A questão é encontrar os genes defeituosos que não produzem esses receptores e desenvolver drogas capazes de suprir essa deficiência.

A evolução do desemprego

relação entre
admissões x demissões



1991.....-2,62%



1992.....-1,92%



1993.....1,87%



1994.....2,68%



1995.....-2,27%

Desemprego sobe no estado

Número de demissões em Santa Catarina é o maior desde 91, o período mais recessivo do governo Collor

por Alex Cunha

Santa Catarina fechou o ano de 95 com o segundo maior índice de desemprego dos últimos cinco anos. Foram 21.365 demissões de acordo com os números divulgados pelo Sine, Sistema Nacional de Emprego. Este saldo só não foi superior ao registrado em 91 - período recessivo do governo de Fernando Collor, quando mais de 24 mil trabalhadores perderam seus empregos. Este ano, só a indústria têxtil já demitiu quase três mil trabalhadores.

O setor industrial é o que mais tem reduzido postos de trabalho em Santa Catarina. Dos mais de 21 mil trabalhadores despedidos no ano passado, 20.899 pertenciam ao setor.

O técnico de análise de mercado de trabalho do Sine, Osnilo Vieira Filho, diz que esta eliminação de vagas está sendo causada por três fatores em especial: a abertura do mercado brasileiro às empresas estrangeiras, iniciada em 90; a automação da produção nas empresas e os juros altos do segundo trimestre do ano passado.

TEXTIÉIS - Entre as indústrias, o setor têxtil e vestuarista foi o mais abalado. Em 95 o Brasil sofreu uma invasão de produtos dos países asiáticos, com preços mais baixos que os produtos nacionais, graças à redução da taxa de importação. Com isso a indústria catarinense perdeu o seu mercado e os produtos, sem ter saída, começaram a encalhar. A solução foi diminuir a produção, reduzindo também o

quadro de funcionários. Resultado: 7.178 trabalhadores perderam seus postos. Em 96, mais 2.979 vagas foram fechadas no setor.

Além da queda no número dos postos de trabalho, Santa Catarina vêm registrando aumento da população economicamente ativa - pessoas maiores de 14 anos, idade mínima para ingressar no mercado de trabalho. No ano passado o Sine emitiu 68.637 novas carteiras de trabalho, 4,7% a mais que 94.

Para Vieira Filho este dado indica que ou o desemprego no estado é maior do que o que se tem registrado até agora ou a economia informal catarinense está crescendo. Os trabalhadores, sem contrato assinado em carteira e a segurança da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), se arriscam em qualquer oportunidade que surgir.

Um exemplo disso é Moisés Belizário dos Santos. Carioca, 27 anos, ele veio morar em Florianópolis em 92. Trabalhou até maio do ano passado num depósito de cimento. Depois, a empresa passou por um pequeno corte de despesas e de empregados e ele foi demitido. Moisés pegou a mulher e o filho de 4 anos e voltou ao Rio de Janeiro, para tentar um emprego por lá. Nove meses de procura, sem resultados, voltou a Florianópolis em fevereiro. De lá prá cá, trabalha como catador de papel nas ruas do centro da capital. A atividade lhe ocupa 10 horas por dia, e o salário não ultrapassa os R\$ 160,00 mensais.

Outro desempregado que cedeu ao mercado de trabalho informal foi Nilson da Silva, de 41 anos. Padeiro há mais de 20, ele perdeu o emprego há quatro meses. Desde então vem fazendo bicos em padarias do município de São José. Sua renda mensal hoje é R\$



O carioca Moisés Belizário trabalha como catador de papel para sustentar a mulher e o filho

100,00, um quarto do que recebia no emprego que perdeu. "Minha mulher e meu filho mais velho que estão sustentando a casa", desabafou ele.

Entre um trabalho e outro que surge, Nilson da Silva procura o balcão de oportunidades de emprego do Sine. Nas quatro tentativas que fez ele não teve a sorte de encontrar uma padaria requisitando serviços de confeitiro.

OPORTUNIDADES - Os balcões de oportunidades do Sine são um termômetro na avaliação da crise enfrentada pelas empresas no estado. No ano passado, mais de 70 mil pessoas se cadastraram no sistema em Santa Catarina e esperam por um emprego. Foi um crescimento de 69,1% em relação ao ano anterior.

Mas o número da procura não corresponde ao número de contratações. Alguns dos

inscritos são encaminhados, porém poucos são de fato contratados. Só no ano passado, por exemplo, foram oferecidas 33.678 vagas, mas apenas 13.637 candidatos cadastrados junto ao Sine foram efetivados. Um índice que não chega a 41%.

De acordo com Vieira Filho, a principal causa da não contratação de candidatos enviados pelo Sine às empresas é a falta de qualificação profissional dos cadastrados. "Não existem dados exatos sobre isso, mas a experiência comprova". O problema, aliás, é registrado em todo país. Segundo dados da OIT, Organização Internacional do Trabalho, o trabalhador brasileiro tem um grau de escolaridade, em média, de três anos e meio, enquanto os países desenvolvidos sustentam uma média de 10 anos. Podendo, inclusive, chegar a 11 ou 12 anos como acontece nos Japão e EUA, respectivamente. **Z**

ESCUTE ESTA CANÇÃO

A banda mineira Pato Fu passa por Florianópolis para divulgar seu 2º disco e concede uma entrevista exclusiva ao ZERO

Por Beatriz Prates e Daniela Neves

Uai, sô! De repente, uns minerim, com nome de Pato Fu, com jeitim assim, amorzin, de falá entra no circuito nacional. Com três anos e meio de vida, já estão terminando seu terceiro disco. Cê vê, que imbecil é a vida!

Fernanda, Jõnh e Ricardo se juntaram e logo gravaram seu primeiro disco: "Rotomusic de Liquidificu-pum", pela gravadora independente Cogumelo (a mesma que lançou o Sepultura). No ano passado levaram o prêmio de banda revelação da MTV, com o segundo disco "Gol de Quem?". A banda tem uma queda por nomes estranhos. O novo disco sai até julho e vai se cha-

FICHA TÉCNICA

Fernanda Takai: violão e vocal
John: programação, vocal, violão e guitarra
Ricardo Koctus: baixo e vocal
Xande Tarnietti: baterista (há seis meses na banda)



Ricardo Koctus é o baixista e também faz as vezes de vocal

mar "Tem, mas acabou", com 14 faixas só deles. "O disco tem este nome prá ajudar os vendedores das lojas" brinca John.

Vocês ficaram um tempo em Minas e hoje são conheci-

dos em todo o Brasil. O fato de a música do Pato Fu entrar na MTV ajudou? Como foi este boom para o circuito nacional?

Ricardo: A MTV é o único meio de divulgação que o Pato Fu, e outras bandas novas, tem. Quase nenhuma rádio toca Pato Fu ou música de bandas novas. Rádio é um veículo complicado, se você não é o perfil, não entra. Então a MTV é a única fonte que nós, e todas as bandas novas, temos.

A MTV é realmente acessível a todos?

Fernanda: Eles têm muitos defeitos. Mas têm o grande mérito que é depender exclusivamente de termos técnicos, da qualidade do seu material, de um certo crivo deles, que é muito eclético. Geralmente quem manda democlip, pelo menos uma vez passa. E se não passa mais é porque não teve resposta.

Ricardo: A MTV evoluiu muito, realizou um evento como o MTV MUSIC AWARD, onde ganhamos um prêmio de banda revelação e onde quase todas as bandas no-

vas estavam representadas. Você nunca ouve uma rádio falando que vai tocar a música destas bandas, porque acham que elas vão prá frente. Por isso a MTV é, sem dúvida, o maior meio que as bandas novas tem. O rádio é modista.

Vocês são comparados com os Mutantes, chamados de "Novo Mutantes".

Ricardo: Não concordo. Nós não nos consideramos descendentes, herdeiros dos Mutantes.

A música deles não influenciou na de vocês?

Fernanda: Não é influência direta. Eu nem tenho disco dos Mutantes, nem da Rita Lee. Existem algumas coincidências na carreira, como sermos um vocal feminino e dois masculinos e fazermos música diferente uma da outra. Mas não nos inspiramos neles. A música que gravamos deles (*Qualquer Bobagem*) foi mais por causa da versão do Tom Zé. Agora, esta comparação é normal. A imprensa tem que comparar a alguém para dar referência pra quem está lendo. Felizmente *Os Mutantes* é uma coisa boa.

Ricardo: Acaba sendo um elogio.

Como é o processo de criação das músicas? Vocês escolhem temas e trabalham neles?

Ricardo: Eu nunca pensei em preparar o disco com um tema. Quando componho as músicas, cada uma é de um momento, alguma coisa engraçada que aconteceu, são desses flashes que aparecem.

O disco "Gol de Quem?" é super eclético. Junta Mutantes, Falcão, Beatles. Como foi montar este disco?

Fernanda: Foi de gosto pessoal. Nós três somos bem diferentes, então por isto tem esta diversidade. O disco não tem coerência de temas, mas ele é coerente na medida em que

nos permitimos fazer coisas que queremos. Não é só porque a banda chama-se Pato Fu que temos que fazer, por exemplo, música heavy de quadrinho japonês. Pegamos um pouco de tudo que gostamos.

Que tipo de música o Pato Fu quer fazer?

Fernanda: A única coisa que sabemos é que o Pato Fu é uma banda de rock, dentro do que ele proporciona. Você pode fazer um rock calminho, um rock brega, um rock heavy.

Vocês têm medo da comercialização?

Fernanda: É algo inevitável. Temos um conceito forte de termos carreira longa. Sabemos que se isto acontecer (a comercialização) a carreira pode ser mais breve. Por outro lado é um caminho, também. Tem gente que faz sucesso um ano e vive o resto da vida disto.

Com os programas na TV, vocês acham que estão em super-exposição?

Ricardo: De forma alguma. Fizemos um Faustão e um Programa da Xuxa. Quanto seria super-exposição? Não sabemos medir isto. Mas desde o dia em que fui no Faustão, minha vida mudou. É um poder muito grande mostrar sua cara. Se for pensar que estou em super-exposição, vou ficar "neurado".

Fernanda: Não queremos ser uma banda cultivada por um grupo pequeno. Todo mundo que é muito purista, se isola. Uma pessoa que só gosta de um tipo de música ou grupo fechado, não interessa. Não somos assim, ouvimos um pouco de tudo. Então temos que usar estes programas de TV prá dar um tiro de canhã, e nestas pessoas feridas, ter um público fiel, que acompanha a gente mais.



Fenômeno lançado pela MTV, a banda mineira Pato Fu vai lançar seu 3º disco e ainda não toca nas rádios

Beatriz Prates/ZERO

Sejam bem vindos

Dazaranha chega ao mercado com seu primeiro CD - *Seja Bem Vindo* - após três anos e meio de estrada

por André Seben e Fábio Bianchini

Ô véio! O Boulevard tá aqui". Foi assim que uma voz anônima saída da multidão que se aglomerava em frente ao Centro Integrado de Cultura de Florianópolis, com a inconfundível inflexão surfística, definiu o que foram os shows do Dazaranha nos dias 29 e 30 de maio, para marcar o lançamento de *Seja Bem Vindo*, disco de estréia da banda que, de três anos para cá, é vista como a única de Santa Catarina capaz de obter projeção nacional, *sartá fora* e aparecer no Faustão. Lá estava toda a fauna que frequenta os shows dos sete rapazes do Saco Grande. Lá estavam as deliciosas menininhas de umbigo de fora, os caras que vão atrás das deliciosas menininhas de umbigo de fora e as pistoleiras que vão atrás dos caras que vão atrás das

menininhas de umbigo de fora. E, é claro, famílias inteiras levando os filhos. Afinal, estavam todos diante de um fenômeno.

Foi tudo muito rápido. De repente, Gazú (vocal), Adauto (baixo), José Caetano (bateria), Moriel (guitarra), Fernando (violino), Chico (Guitarra) e Jerry (percussão), uma "cacalhada", segundo Moriel, se transformaram na banda do coração de muita gente em Florianópolis. Com todos os méritos, diga-se de passagem. É a primeira vez que aparece no estado uma galera mostrando um som diferente, com novidades (como as constantes intervenções de violino e percussão) e, ainda por cima, ligada com tudo o que está rolando na nova cena pop brasileira.

E o Dazaranha apresentou tudo isso para o público que lotou o CIC duas noites consecutivas, acrescentando toques de superprodução. A equipe responsável pelo espetáculo tinha 36 pessoas. Dança tribal, mestres de capoeira, naipes de metais e a inclusão de mais dois percussionistas foram adicionados à tradicional apresentação da

banda. Mas o que roubou a cena foi a impagável aparição de Ubiratan, figura folclórica do Saco Grande e personagem-título de uma das músicas do septeto.

Ele apresentou o show com uma desenvoltura de fazer inveja a Silvío Santos, fez discurso e ainda voltou para o bis, numa dancinha ao som da canção inspirada em sua pessoa.

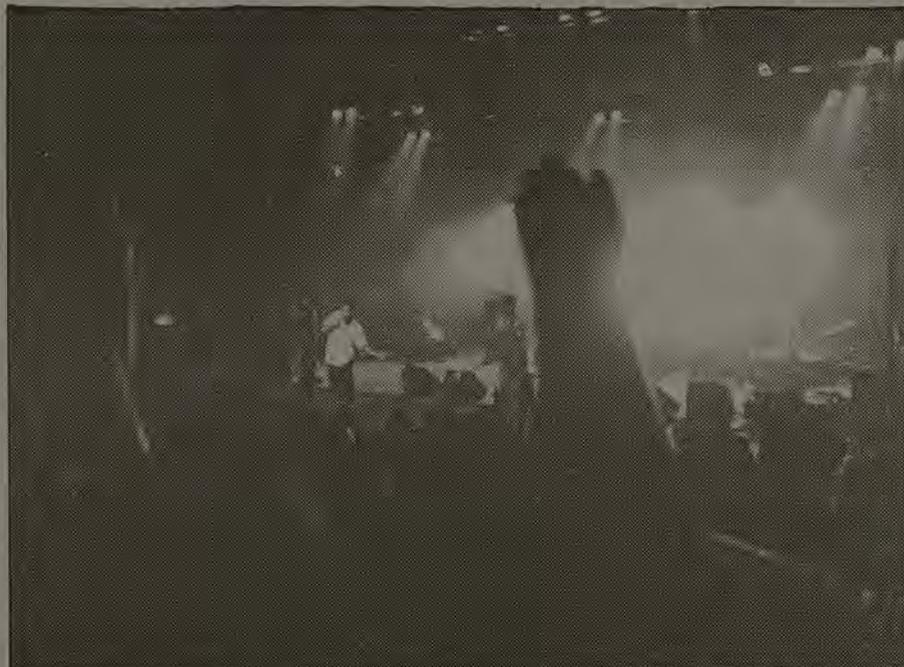
A banda tocou todas as músicas de *Seja Bem Vindo* e mais outras canções que - depois de muito quebra-pau entre eles - ficaram fora do disco, sempre com alguma mexida nos arranjos. *Vagabundo* e *Equilíbrio* ganharam versões acústicas, enquanto a instrumental *Café Com Cigarro* ficou quilométrica com os solos de cada um dos instrumentistas. Também fo-

ram apresentadas as novas "Barco Pesqueiro" e "Anos 90", que recebeu como acréscimo um dispensável *minipout pourri* de hits do último verão.

A platéia adorou. Todos cantaram, dançaram, fumaram (apesar dos apelos da banda) e levantaram as mãos na hora de "Shau Pais Baptiston". Chegava a ser engraçado ver a garotada entoando a plenos pulmões o hit "Muralhas" com o refrão chave-de-cadeia "somos unidos pelo pó". Curiosamente, uma das músicas mais aplaudidas foi "Darci", que não faz parte do disco, apesar de ser uma

das grandes preferidas da audiência Dazaranhesca. Gazú, emocionado, só conseguia dizer "Massa, galera". E no final do show, mostrando que as coisas não mudaram tanto assim, repetiu o tradicional "Falou, pessoal. D'zaranha agradece".

E agora? O que resta para os rapazes? Qual será o futuro da banda. O que está por vir Qual será o próximo passo do Dazaranha? Tudo isso é um segredo guardado a sete chaves pelo empresário Zeca Carneiro, que prefere não revelar para não gorar. **Z**



O público, que lotou o CIC duas noites seguidas, assistiu ao Dazaranha em shows produzidos por uma super equipe de 36 pessoas

Silvío Perelra/ZERO

Cooperativa do ROCK

Na cola do Dazaranha, outras dez bandas de Florianópolis se uniram numa cooperativa criada pela Companhia da Cultura, que pode muito bem ser chamada de "selo independente". A idéia é a seguinte: os músic-

cos gravarão seus CDs, assumindo o compromisso de vender 35 cópias de cada disco lançado pelo projeto, além de fazerem dez shows *na camaradagem* para a divulgação dos lançamentos.

Os primeiros a entrar em

estúdio foram os rapazes do Primavera nos Dentes. A banda passou um mês em São Paulo gravando as doze músicas de *O Parto* que, segundo o percussionista Joe, não poderia ter outro título. "Cara, são quase sete anos de estrada", desabafa. Mas eles não têm do que reclamar. Até agora, o relacionamento com a Companhia da Cultura anda as mil maravilhas e o trabalho feito na cidade grande foi prático de satisfatório. "O estúdio onde gravamos era ótimo. O técnico de som era um dos mais acessíveis que eu já vi", entusiasma-se.

O cabeça da companhia, Márcio Escariotes, aposta nas novas bandas por estarem envolvidas num cenário nunca visto antes na Capital. "A coisa está mudando, o público está começando a cobrar músicas próprias e de qualidade", afirma. Para

ele, todo esse movimento vai atrair a atenção para a produção musical do estado, como aconteceu em outros lugares inusitados, como Curitiba e Recife. "Eu confio no potencial do pessoal daqui, só falta um empurrãozinho para a coisa ir prã frente", teoriza.

PÉS NO CHÃO - A expectativa de todos os envolvidos é a melhor possível, mas *macacos velhos* como Gringo Starr, da banda Furnas, preferem deixar os pés no chão. Ele diz que outras experiências já foram testadas com resultados desastrosos. "Já vi muita banda lançar CD por aqui e acabar meses depois. Não existe um sistema de divulgação independente e, no que depender dos meios de comunicação catarinenses, não sai nem uma notinha no jornal". (A.S.) **Z**



O Primavera nos Dentes é a primeira das 10 bandas da Companhia da Cultura a gravar o seu CD

Silvío Perelra/ZERO

Aí estão as 10 bandas do Projeto Companhia da Cultura

- WALAIÊ SUÊTO
- FURNAS
- OS UDIGRUDIS
- TIJUQUERA
- ÁRCADE
- BRASIL PAPAYA
- ANÊIS
- DE SATURNO
- ÍNDICE
- EKLIPSA
- PRIMAVERA NOS DENTES

crônica
por Jurandir Matarazzo

Está na hora de inventarmos um novo adjetivo na língua portuguesa; *medalhável*. Por este nome se define todo aquele que, nos próximos meses, vai ser

bajulado pela imprensa como "esperança de medalha" na próxima Olimpíada. Além de ocuparem centenas de páginas nos jornais e revistas, terão direito a aparecer na televisão cada vez que o Fernando Vanucci disser "alo você".

Isso tudo até o início da Olimpíada, porque é mais fácil ser *medalhável* que medalhista. Não raro, os medalhistas permanecem esquecidos até ganharem uma das competições. Ai sim, têm direito a subir no pódio, receber a medalha e um ramalhete de flores e não cantar o hino nacional com a desculpa de estar muito emocionado para isso. De quebra, serão os futuros *medalháveis*, sejam os próximos Jogos Olímpicos em Pequim, Singapura, Brasília ou Biguaçu.

Uma boa alternativa para fugir da mesmice dos *medalháveis* - e até dos medalhistas, já que estes vão torrar a nossa paciência depois da Olimpíada - é contar histórias sobre um outro tipo de personagem. Vamos falar dos *imedalháveis*. Surgiriam, com certeza, histórias como essas, no melhor estilo gente que faz:

"Arnaldo Fritz tem em comum com o nadador Fernando Scherer algo mais que os cabelos loiros. Ele lembra como, há dez anos, ambos disputaram até a última braçada o primeiro lugar em uma prova de natação na piscina de um dos clubes de Florianópolis. Hoje Scherer é o Xuxa, que treina várias horas por dia em busca de uma medalha Olímpica. Arnaldo é Naldão, 35 quilos mais gordo, cujo principal exercício é andar por toda a cidade em busca e emprego, desde que foi demitido do Banco Nacional."

Ou esta outra, ainda mais singela:

"Desde criança, Josenilton Araújo queria ser jogador de basquete. Aos 18 anos disputou seu primeiro campeonato, ainda que numa equipe sem expressão. Há quatro anos, a decepção: não estava na equipe que foi a Barcelona. Desta vez tudo foi diferente. 'Não me decepcionei', diz ele. 'Já sabia que não iria a Atlanta'.

30 ANOS A Sangue Frio

A obra ícone do jornalismo como arte completa três décadas inspirando novos autores de romances-reportagem.

por Romeu Martins

Passados 12 anos de sua morte, o autor de *A Sangue Frio* recebeu uma homenagem no dia 9 de janeiro: a criação do Prêmio Truman Capote de Literatura e Crítica. Escritores e críticos literários concorrerão a cada quatro anos ao prêmio, fixado em US\$ 100 mil.

É um reconhecimento mais do que merecido a obra de um dos maiores escritores americanos do século e que, em vida, foi por muitas vezes negligenciado. Não à toa, Capote declarou em certa ocasião que sua vida como artista poderia "ser traçada com a precisão de um diagrama hospitalar: os altos e baixos, os ciclos bem definidos".

ROMANCE VERÍDICO -

O principal motivo para essas oscilações foi a atitude, desde sua estréia com o romance *Other Voices, Other Rooms*, em 1948, de sempre trazer a público sua vida pes-

soal. Como que para reafirmar sua postura de escritor desmascarar a hipocrisia e os preconceitos enraizados no *American Way of Life*. Capote deixou clara sua condição de homossexual, alcoólatra e viciado em drogas, escandalizando a América moralista dos anos 50 e 60. Inevitável os pontos baixos do "diagrama hospitalar" do escritor.

Mas inevitável também foi reconhecer o seu talento. O ponto mais alto veio com a publicação do "romance verídico" *A Sangue Frio*, há exatos 30 anos. Na verdade sua primeira experiência com um livro não ficcional foi 11 anos anterior. Em *The Muses are Heard*, uma coletânea de artigos publicados na revista *The New Yorker*, Capote relatava o primeiro intercâmbio cultural

mo assim Truman Capote decidiu que iria dissecar todos os detalhes do caso para ter um quadro completo. "Sim, era o mesmo que jogar pôquer de cacife alto; fi-



quei com os nervos em frangalhos durante seis anos, sem saber se eu tinha um livro ou não. Foram verões incabáveis e invernos de rachar, mas não desisti da luta, jogando com as cartas de que dispunha, da melhor forma possível. Ai, no fim, vi que tinha um livro".

E que livro. De uma maneira objetiva e com total verossimilhança, o autor descreve cada pormenor. Página por página somos apresentados à vida em uma cidade interiorana dos EUA, à crueza do crime, à captura, ao julgamento e, por fim, à condenação da dupla homicida. Tudo com imparcialidade e equilíbrio, sem cair nas armadilhas do drama de emoções fáceis.

Ao longo destas três décadas o livro inspirou inúmeros escritores, inclusive autores que, de início, criticaram duramente a obra, como Norman Mailer, por exemplo. Na área do jornalismo, é uma referência obrigatória quando se fala no *Novo Jornalismo*, assim como leitura indispensável para todos aqueles quer acreditam que a profissão é algo mais que preencher formulários respondendo quem fez o quê, quando, onde, porque e como.

1968 - O ANO QUE NÃO TERMINOU

"A aventura de uma geração" trata de um controvertido período histórico do país sem ficar preso em estereótipos, imprimindo à narrativa todos os elementos que faltam à maioria dos livros de História: ritmo, agilidade, coesão entre os acontecimentos e suas causas. Isso só é possível para alguém que participou ativamente daquela conjuntura. E Zuenir Ventura participou. Assim como hoje é uma das figuras mais importantes por trás do movimento Viva-Rio, o jornalista na época estava presente na maioria dos fatos que fizeram de 1968 um ano marco. Fatos que reviveu, vinte anos depois, neste romance-reportagem, graças a um estilo que combina diferentes formas narrativas - verbos no presente, uso da primeira pessoa, detalhismo -, variando de acordo com o clima dos acontecimentos.

ROTA 66 - A HISTÓRIA DA POLÍCIA QUE MATA

É o exemplo brasileiro mais bem acabado do que *A Sangue-Frio* representa. O alvo das investigações de Caco Barcellos é a Rota - Rondas Ostensivas Tobias Aguiar - unidade do 1º Batalhão da Polícia Militar de São Paulo e considerada o orgulho da corporação. Também conhecida como a *polícia que mata*. Criada em outubro de 1970 com a missão de combater as guerrilha da época, a Rota teve a sua história e a de seus integrantes dissecadas por cinco anos de trabalho efetivo do jornalista. O resultado foi um Banco de Dados que reúne 4.179 vítimas, grande parte inocentes, da força policial, de tal forma documentadas que livraram o autor das ameaças de morte e dos processos judiciais. *Rota 66* trás luz também ao privilégio dos PMs de serem julgados por Tribunais Militares em lugar da Justiça Civil, e as possibilidades de impunidade que isso permite.



Via México

Fitas consagradas não chegam no Brasil por interesses das distribuidoras gringas
por Alexandre Winck

Os cinemas argentino e uruguaio também ainda não levaram um Oscar de melhor filme estrangeiro, mas em matéria de mercado de vídeo os "primos pobres" do Brasil no Mercosul têm lá os seus Maradonas e Copas de 50 para esfregar na nossa cara. Mesmo com um público consumidor de cinema bem menor que o daqui, é muito mais fácil encontrar um filme em vídeo nesses países. O mercado nacional está num atraso espetacular.

Para se ter uma idéia, cineastas consagradíssimos tipo Orson Welles ou François Truffaut não têm mais do que três ou quatro filmes lançados em vídeo nestas bandas. E não se trata só dos clássicos antigos ou do filme-norueguês-que-mostram-cara-falando-sozinho-por-quatro-horas. Fitas mais que comerciais, como *Psicose*, maior bilheteria de Hitchcock, ou *Tubarão*, primeiro megasucesso de Spielberg, também ainda não deram o ar da graça. Enquanto isso, os vizinhos curtem as obras completas de todos os mestres.

A jogada nessa diferença de acervo tem a ver com o sistema de distribuição

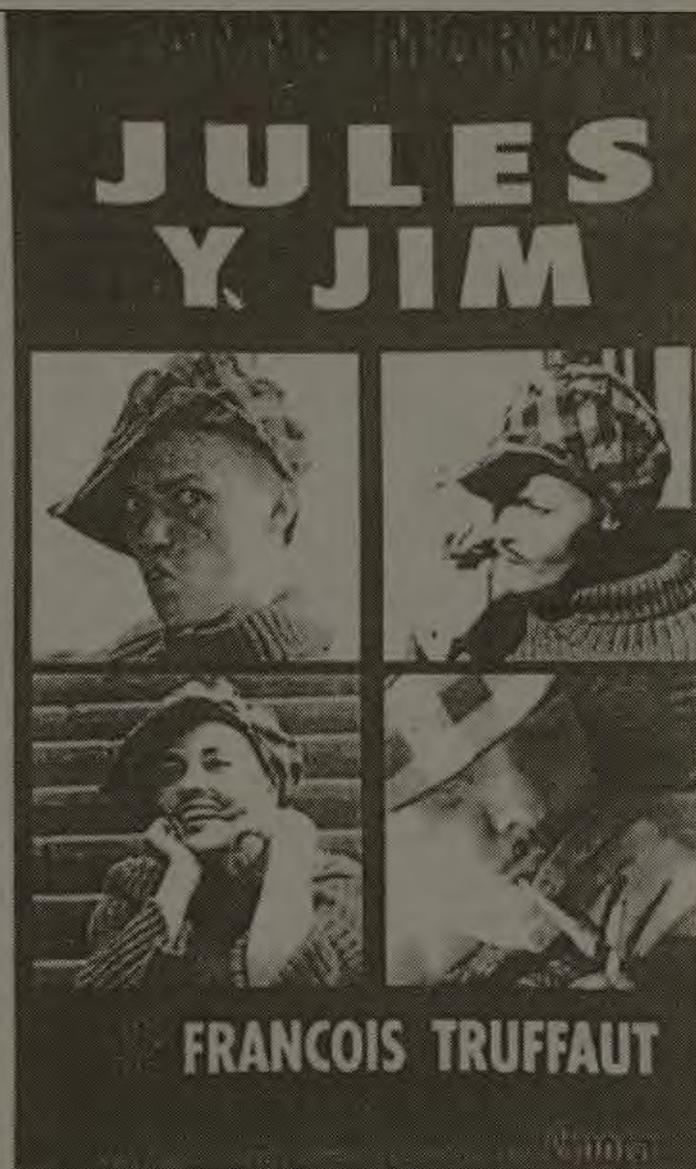
dos filmes para a América Latina, centralizado no México. De lá as principais *majors* norte-americanas decidem o que o pessoal "de baixo" assiste ou não. Isto é, o lançamento que entope as prateleiras das locadoras, que mistura os grandes sucessos a qualquer abacaxi que Hollywood tenha produzido num prazo inferior a seis meses. A diferença é que alguns países conseguem burlar esse esquema, enquanto no Brasil, com honrosas exceções, impera o amém sem restrições. "Acho que o problema é mesmo a falta de vontade das distribuidoras daqui", afirma Carlos Eduardo Valente, sócio da Raro Efeito, única locadora de Florianópolis especializada em clássicos do cinema.

Para fechar a goleada, o mercado de venda direta de filmes em vídeo está muito mais adiantado por lá. Encontra-se filme para vender em diversas lojas, inclusive bancas de revistas, por um preço menor que o de um CD no Brasil. Há lugares em que se pode achar uma fita por R\$ 5,00. Aliás, em países como os Estados Unidos, o *sell-thru* é regra, não exceção. Aqui, nem as locadoras conseguem um preço razoável para comprar as fitas para alugar. Um lançamento pode custar até R\$ 70,00.

ACESSO - Se as distribui-

doras brasileiras ainda não demonstram boa vontade em virar o jogo, pelo menos entre as locadoras há quem queira facilitar as coisas para os cinéfilos. Valente adquiriu uma série de filmes através da venda direta nos mercados norte-americano e argentino e está alugando as fitas. Os títulos incluem desde os já citados *Psicose* e *Tubarão* até clássicos mais antigos de Hollywood, como *O Crepúsculo dos Deuses*, de Billy Wilder, ou obras-primas européias tipo *Fabre- nbeit 451*, de Truffaut.

O que embola o meio de campo é que os filmes estão ou no original em inglês ou com legendas em espanhol. Quem achar que saber ler e escrever no idioma de Shakespeare chega ou que espanhol é "muito parecido" com



Os títulos que furam o esquema de distribuição: sem legendas ou dublados para o espanhol

reprodução

o português vai apanhar um bocado. Além disso, muitas fitas argentinas têm uma qualidade de imagem inferior à das brasileiras. "Mas quem gosta de cinema em geral encara tudo, desde imagem de fita pirata até legenda em japonês. Eles que-

rem é ver os filmes", garante Valente. Infelizmente, algumas fitas da terra do tango não têm como ser assistidas aqui, por causa do sistema de gravação. Muitos filmes lá são gravados através do PAL-N, que não é usado nos vídeos brasileiros. **Z**

Para Sempre

Florianópolis tenta recuperar seu passado através de um Arquivo Histórico

por Beatriz Prates

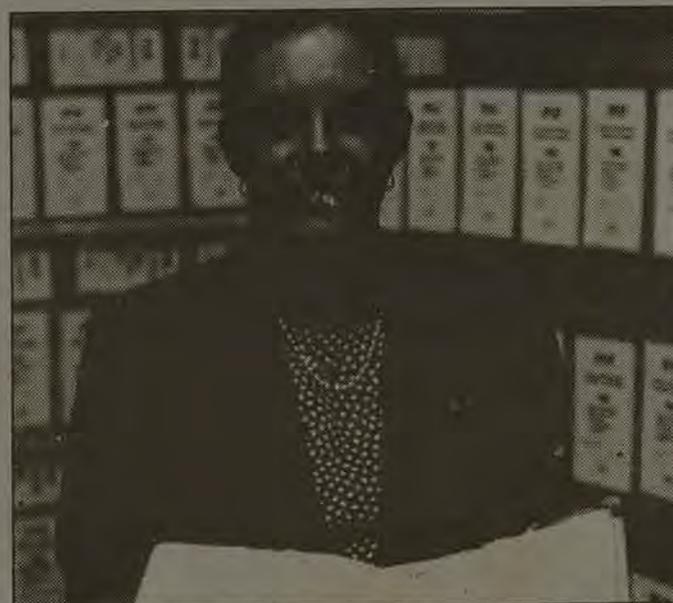
Criado há quatro meses, o Arquivo Histórico continua realizando campanha para doação de material. Qualquer tipo de documento sobre o passado da ilha é de interesse para o acervo.

Até agora foram arrecadados 400 livros e 45 caixas com diversos documentos pertencentes ao Arquivo Público da Câmara Municipal, setor de documentação da Universidade Federal de Santa Catarina, Instituto de Planejamento e Urba-

nização de Florianópolis e Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos.

O documento mais antigo é uma carta do imperador da Província de Santa Catarina, de 1715. A maioria desses documentos não está num bom estado de conservação, principalmente os que vieram da UFSC. "Os livros estavam debaixo d'água quando nós os trouxemos para cá", diz a historiadora responsável pelo arquivo, Josete Sandrini.

Ela é a única pessoa destacada para destrinchar as caixas de materiais já adquiridos, e não poupa reclamações: "É muito difícil realizar todo este trabalho sozinha, mas a prefeitura não tem como contratar



A peça mais importante do acervo é uma carta datada de 1715.

Beatriz Prates/ZERO

mais pessoal". Sua esperança é que depois de tudo organizado a comunidade possa recorrer ao arquivo como fonte de pesquisa sobre a história da cidade.

A campanha de doação de material ainda não recebeu nenhuma contribuição do público. O arquivo trabalha com fotos, documentos, vídeos e qualquer outro tipo de material que contenha informações sobre Florianópolis.

Para colaborar com o Arquivo Histórico de Florianópolis, envie seu material para a Rua General Bittencourt, nº 223, CEP 88.020-100, Fone (048) 224 9200 r.268, aos cuidados de Marilene Ribeiro. **Z**

Poético Assalto

Milton Petrella e seu personagem Xis andam pelo Brasil a divulgar idéias sobre a cultura da corrupção

por Luís Carlos Festi

Um assalto é uma forma de educação política. Quem não acredita nessa idéia, poderá se surpreender ao conhecer Xis, um dos personagens criados pelo performático estudante Milton Petrella. Xis já viajou quase todo o Brasil, e por onde passa rouba gargalhadas e palmas de suas platéias, semeando a conscientização da cidadania. Durante os meses de março e abril, ele esteve em Florianópolis, e conquistou centenas de admiradores que tiveram o prazer de serem "assaltados" com poesia e alegria.

O "assaltante", no caso, não usa ameaças ou arma de fogo. Nem deseja roubar dinheiro e objetos de valor. Seus objetivos são nobres. Petrella diz que não é ator, mas leva platéias ao delírio. Também não faz "política de palanques", mas dá um banho de consciência em uma centena de candidatos ou pessoas eleitas que jamais se preocupam com problemas sociais. Xis é um dos tipos criados por um estudante de 27 anos, paulistano do bairro do Brooklin, formado em Publicidade e Propaganda. Seu grande

mérito demonstrado em público é a criatividade, aliado a uma dose de carisma e sensibilidade, para criar personagens de extrema identificação com os brasileiros.

Sua forma de abordagem, utilizando recursos cênicos, é que é curiosa, e justamente, um dos fatores que atrai simpatia. Xis costuma invadir locais públicos fechados, como salas de aula, espaços em universidades, bancos, bares e restaurantes, para mostrar seu trabalho. Utilizando uma forte maquiagem branca no rosto, lenço na cabeça e veste também brancos, o figurino lembra o de um apóstolo de Cristo de representações teatrais. Seu texto chega a ter oito páginas e traz fortes críticas aos políticos e à sociedade brasileira. O

susto inicial é inevitável. A maioria das pessoas desconfia de suas intenções, mas logo se encanta com o bom humor dos textos (veja um deles no quadro abaixo). Ao menor sinal de desatenção, Xis encara e chama a atenção de seus espectadores, com a preocupação de nunca agredir ou ridicularizá-los. Seus textos convidam as pessoas a serem solidárias e participar de lutas políticas.

Milton Petrella teve a idéia de criar o personagem Xis, em 1993, no Recife, durante uma reunião da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). Formado pela USP, uma das principais universidades brasileiras, Petrella já havia amadurecido suas idéias políticas, participando também do movimento anarco-punk em São Paulo. Também já havia sido integrante da banda Ratos do Porão, escrevendo e compondo músicas para o grupo até 1988. Com essas experiências, ele diz ter vencido a timidez com o público, e conseguiu mais coragem para se apresentar. "Hoje, quando vejo a alegria dos estudantes e professores com meu trabalho, isso me traz estímulo", comenta Petrella, que ao escolher os locais para suas atuações também revela sensatez. "Se eu fizer performances na

rua, a maioria vai pensar que eu sou pedinte, palhaço, ou sombra de TV. O próprio teatro de rua não tem uma tradição respeitada na maioria do país", raciocina Petrella.

Assim, os locais preferidos por Petrella ainda são os que considera mais politizados, como as universidades. Mas ele também faz severas críticas com relação à função que a maioria dos estudantes brasileiros ainda vê no ensino superior. "A maioria dos alunos considera a universidade, ou exclusivamente como uma forma de ascensão profissional, ou como um trampolim para suas carreiras políticas, com as possibilidades de militância nos movimentos estudantis", analisa. Para ele, a universidade só será valorizada quando as classes política e estudantil perceberem que se trata de uma instituição educacional, de apreensão de conhecimento e cultura, e espaço para o exercício da cidadania e da democracia.

O grupo Assalto, que é veículo de suas performances, iniciou com a companhia de teatro Paspáto, cria-

da também na USP. Na época, Petrella teve a idéia de criar performances, com vários personagens "assaltantes", que eram representados por seus amigos. A maioria eram estudantes, que viviam sem grana e, com as apresentações, conseguiam dinheiro para poder continuar os estudos. Entre os amigos de Petrella, que também já fizeram parte do grupo Assalto, estão vários atores e atrizes conhecidos, entre os quais, as globais Alessandra Negrini e Lúcia Veríssimo. O trabalho também faz parte, como um dos temas principais, de uma tese de mestrado em Ciência Política. Trabalhando com a hipótese de que a

cultura do assalto e da corrupção está presente na identidade do povo brasileiro e mantendo assim um círculo vicioso transmitido de geração em geração, ele acredita que a saída é exatamente o exercício pleno da democracia e da cidadania. Em Santa Catarina, Xis já passou por boa parte do estado. Além de Flórida-



nópolis, onde se apresentou em locais como a

UFSC e a Udesc, esteve também nas cidades e universidades de Itajaí, Joinville, Tubarão, Orleans, Araranguá, Criciúma e Lages.

A mensagem que esse talentoso cientista político costuma deixar para suas platéias é a de que os problemas políticos em nosso país estão extremamente arraigados na cultura da corrupção, e que necessitam ser solucionados como uma prioridade urgente, com a indispensável colaboração da classe estudantil. "Saíam para as ruas, quando for preciso. Não se deixem manipular", é um dos sábios conselhos reforçados por Xis. **Z**

"Ontem pelos salões, os corações, estive a mil, no meu Brasil. Era carnaval. Dança e fantasia. Era noite e dia, mas que folia. Era carnaval. Rá-rá-rá. O povo esteve feliz. Teve o que sempre quis. Esperaram o ano inteiro pro mês de fevereiro. O homem do turismo vinha da Argentina ou do estrangeiro para gastar, e por na conta do homem brasileiro. Linda, linda, tão bela na passarela. Mulheres nuas tomavam as ruas. Era carnaval. E no seu palanque, o FHC sorria contente e o professor com seu salário sambava. Tudo era tão belo, o Figueiredo era tão sério e naquele tempo todos me diziam: "Pior que tá não vai ficar". Veio Tancredo. Velho bobo ingênuo. Prometia e ia mudar. Tancredo morreu, a cidade dizia: "Pior que tá não vai ficar". Veio Sarney. De terno preto, era só mais um burguês. A cidade inconformada falava: Pior que tá não vai ficar. Mas com a chegada de Fernandinho, a coisa chegou a se deturpar. Fernandinho roubou tudo e saiu. Itamar pôs-se a brilhar. Aí veio o real. Eles botaram fé no FHC. Olha pessoal, ficou tudo mais legal. Agora tudo vai melhorar, mas não é por causa do real. É por que nós somos o grupo Assalto e acabamos de assaltar vocês com poesia e alegria."

IMAGENS

Uma seleção da produção fotoperiódica em curso dos estudantes do Jornalismo da UFSC

A histórica Ilha de Anhatomirim foi o cenário da exposição *Novos Territórios - O Aspectos da Arte Catarinense Atual*. Aqui temos a imagem de uma das instalações do artista plástico Fernando Lindote.

Lúcio Lambranco, 23 anos, fotografa desde 1993.

LÚCIO LAMBRANHO



SÍLVIO PEREIRA



“Eu queria somente lembrar, que milhares de crianças sem lar, são frutos do mal que floriu, num país que repartiu (pátria amada), este é o futuro do país”. O trecho da música *Futuro do País*, do Planet Hemp, acompanha a foto vencedora da 2ª Maratona Fotográfica de Florianópolis no tema *Direito à Moradia*.

Sílvio da Costa Pereira, 30 anos, fotografa há quatro anos e já montou a exposição *Sons da Ilha*

BEATRIZ PRATES

Dia a dia a ciência nos oferece a possibilidade viver por mais tempo. Num país que institui o desprezo aos seus velhos, esta dádiva torna-se uma praga

Beatriz Prates, 19 anos, produziu esta foto durante a 2ª Maratona Fotográfica de Florianópolis.

